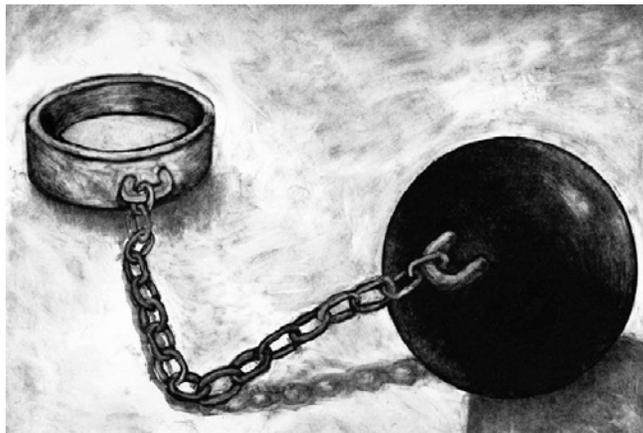


José Bonifácio de Andrada e Silva e o movimento pela Independência do Brasil



“José Bonifácio era um autoritário que não acreditava muito nos ideais iluministas que animaram a Revolução Francesa. Ele achava que a solução para o Brasil deveria vir do alto, de preferência com ele”, afirma **Isabel Lustosa**, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, refletindo sobre o assim chamado Patriarca da Independência. Na Semana da Pátria, a *IHU On-Line* debate a vida e a obra de **José Bonifácio**, figura importante para entender o Brasil. Para a professora **Miriam Dolhnikoff**, “Bonifácio, a princípio, acalentava um projeto de império luso-brasileiro”. Para **José Murilo de Carvalho**, historiador, a Independência do Brasil “foi um movimento socialmente conservador, apesar dos esforços de José Bonifácio”. No ponto de vista de **Márcia Miranda**, a emancipação efetiva do Brasil “não implicou em qualquer modificação na ordem econômica”. Já **Ana Rosa Clochet** afirmou que “o projeto elaborado por José Bonifácio confrontava diretamente com o projeto de integração dos Reinos”.

José Bonifácio, já nos primórdios do Brasil independente, “defendia a restrição aos grandes latifúndios e incentivava a pequena e média propriedade, defendendo, assim, a reforma agrária”, analisa **Maria Emilia Prado**, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Segundo ela, “no caso de Bonifácio, o mais importante foi sua defesa do fim da escravidão.

A reforma agrária seria o segundo movimento natural após o fim da escravidão e indispensável para construção de uma nação moderna”.

A memória de **José Bonifácio** nem sempre foi tão enaltecida. Foram os republicanos paulistas, no final do século XIX, constata a pesquisadora **Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira**, coordenadora do Museu Paulista, que “buscaram no passado da monarquia personagens que pudessem se contrapor à figura de **D. Pedro**, interpretado por esses grupos como tirano e déspota”. Se **José Bonifácio** se notabilizou como homem público, ele é pouco conhecido como estudioso e pesquisador do mundo natural. Esta faceta de **José Bonifácio** é analisada por **Alex Gonçalves Varela**. Segundo ele, “para Bonifácio, a natureza é fonte de conhecimento científico, mas também capaz de gerar riquezas que poderiam promover a industrialização do Reino português e, assim, promover a sua recuperação no contexto europeu”.

“**A Vale é Nossa**” é a proposta dos movimentos populares brasileiros nesta Semana da Pátria, quando se organiza o **Plebiscito Popular** sobre a anulação do leilão de privatização da Companhia do Vale do Rio Doce. O economista **Paulo Passarinho** analisa o processo de privatização da empresa brasileira. A página eletrônica do IHU tem publicado várias entrevistas, entre outras, com **Marcos Arruda**, **Ivo Lesbaupin** e **D. Demétrio Valentini**.

Na imprensa internacional, repercutiu intensamente a publicação, nesta semana, do livro com as cartas de **Madre Teresa de Calcutá**, revelando uma dimensão desconhecida da sua trajetória de vida. A noite escura de Madre Teresa é o tema da entrevista com **Luis González-Quevedo**, membro do Centro de Espiritualidade Inaciana - CEI-Itaici.

A todas e todos uma boa leitura, uma ótima semana e um excelente feriado!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 06 | Márcia Miranda: Brasil independente: conflitos e negociações

PÁGINA 10 | Ana Rosa Clochet: Um projeto em confronto com o de integração dos Reinos

PÁGINA 19 | Miriam Dolhnikoff: Brasil independente?

PÁGINA 22 | José Murilo de Carvalho: Independência do Brasil: um movimento socialmente conservador

PÁGINA 24 | Isabel Lustosa: A luta pelo império luso-brasileiro: equilíbrio e a autonomia

PÁGINA 27 | Alex Gonçalves Varela: Dois perfis de uma mesma trajetória

PÁGINA 33 | Maria Emilia Prado: “Somos uma sociedade caracterizada pela brutal concentração da renda”

PÁGINA 35 | Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira: Bonifácio: um político do Antigo Regime

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 39 | Paulo Passarinho: A Vale é nossa. O plebiscito popular e a pouca participação da CUT e da UNE

» Teologia Pública

PÁGINA 44 | Luis González-Quevedo: A noite escura de Madre Teresa de Calcutá

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 50 | Destaques On-Line

PÁGINA 52 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 55 | Agenda da Semana

PÁGINA 56 | Susana Rocca: Resiliência e cuidado

PÁGINA 60 | Maycon Leôni Martins Teodoro: Comunicação entre o casal, elemento imprescindível

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 62 | Adriana Kudlack

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 64 | Rosana Cecchini de Castro



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). O Patriarca da Independência do Brasil



José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu na cidade de Santos, em São Paulo, no dia 13 de junho de 1763. Considerado o Patriarca da Independência, foi um político, naturalista, intelectual e poeta brasileiro.

Filho de Bonifácio José Ribeiro de Andrada e Maria Bárbara da Silva, José Bonifácio era membro de uma família da aristocracia portuguesa. Antes de partir para Portugal, ele frequentou aulas de Gramática, Retórica e Filosofia nos cursos abertos por D. Frei Manuel da Ressurreição. Em 1783, aos 20 anos, ingressou na Universidade de Coimbra, onde cursou Direito, Matemática e Filosofia Natural. Desde cedo, demonstrava vocação para as pesquisas, e em 1789 foi admitido como sócio livre da Academia, o que lhe abriu caminho para uma carreira de cientista.

Em 1790, viajou pela Europa, em uma excursão científica, para adquirir os conhecimentos mais perfeitos de Mineralogia, filosofia e História Natural,

presenciando, assim, o início da Revolução Francesa. Na ocasião, estudou Química e Mineralogia, na Escola Real de Minas. Viajou mais de dez anos pela Europa, regressando a Portugal em setembro de 1800, quando ganhou o título de doutor em filosofia, destacando-se também como geólogo e metalurgista. Tornando-se intendente-geral das minas de Portugal, ganhou cargos de relevância, passando a chefiar a polícia do Porto, após a expulsão dos franceses que haviam invadido Portugal em 1807 durante a expansão napoleônica.

Apenas em 1819, aos 56 anos, Bonifácio retornou ao Brasil, dedicando-se aos estudos de minerais. Como vice-presidente da Junta Governativa de São Paulo, tornou-se figura de projeção política a partir de 1821. Em 1822, ocupou o ministério do Reino, tornando-se, junto a D. Pedro, o principal obreiro da Independência. A aliança com o imperador não durou muito tempo, e em 1823, ao lado de seu irmão Martim Francisco, afastou-se dos Conselhos da Coroa, iniciando oposição a D. Pedro. Nesse ano, foi deportado para a Europa e exilado por seis anos. Regressou ao Brasil em 1829, e foi residir na Ilha de Paquetá, de cujo retiro saiu apenas para assumir a cadeira de Deputado pela Bahia, como suplente, nas sessões legislativas de 1831 e 1832. Reaproximou-se novamente do Imperador que, ao abdicar à Coroa, em 1831, o indicou-o para tutor de seu filho - o futuro Dom Pedro II.

No ano de 1833, foi destituído da tutoria, pela Regência. Ficou em prisão domiciliar até 1835, quando terminou o processo-crime instaurado contra ele por conspiração e perturbação da ordem pública. Mudou-se nos últimos dias de vida para Niterói, Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 1838.

Brasil independente: conflitos e negociações

ENTREVISTA COM MÁRCIA MIRANDA

A emancipação efetiva do Brasil “não implicou em qualquer modificação na ordem econômica”, afirmou a professora Márcia Miranda, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. De acordo com a pesquisadora, “há um discurso muito recorrente de que a Independência limitou-se a uma alteração no estatuto político, sem que implicasse numa mudança da posição subordinada do Brasil no quadro econômico internacional”. Mesmo que a Independência brasileira não tenha sido acompanhada de mudanças profundas na sua estrutura, o novo Estado abriu espaço para novas disputas, negócios, “ampliando as oportunidades”. Assim, complementou a professora, a Independência “deu um novo sentido e dinâmica às decisões de investimentos, à elaboração da política econômica”.

Miranda é graduada em História e em Economia e mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Economia Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), atualmente é professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), historiógrafa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. A professora concedeu outra entrevista à IHU On-Line, em 28-5-2007, quando participou do Ciclo de Estudos Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens. No evento, ela discorreu sobre o pensamento de Bonifácio. A entrevista José Bonifácio. Reforma, Independência e Escravidão está disponível no site do IHU, na edição 221, cujo tema de capa foi Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez.

Eis a entrevista:

IHU On-Line - Em outra entrevista à *IHU On-Line*, a senhora afirmou que José Bonifácio foi decisivo também nos momentos que antecederam o “Grito do Ipiranga”. O que o estadista José Bonifácio representou na história marcada pelo processo de formação do estado brasileiro?

Márcia Miranda - Apesar de haver passado vários anos de sua vida na Europa, onde ocorreu sua formação acadêmica e científica, exerceu importantes cargos na

administração régia e participou da resistência lusa à invasão francesa. Em poucos anos, após seu retorno ao Brasil, José Bonifácio teve um papel impar no processo de Independência, articulando a elite paulista, mineira e fluminense em torno do projeto de emancipação em torno do Príncipe Regente, o que viabilizaria a preservação da monarquia e da Casa de Bragança, afastando os riscos de revolução. Assim, Bonifácio teve uma contribuição decisiva na definição dos traços básicos

do Estado brasileiro. No entanto, é preciso ter presente que o projeto de Estado de José Bonifácio não se concretizou plenamente. Como demonstrou Ana Rosa Coclet da Silva, enquanto intelectual formado nos quadros da ilustração européia, José Bonifácio considerava que cabia ao Estado dirigir o processo de formação da nação, a qual era requisito para que fossem garantidas a integridade territorial e as condições de desenvolvimento econômico do Brasil. Assim, as reformas sociais que propunha - civilização e integração dos indígenas à sociedade, a abolição do tráfico negreiro como primeiro passo para a progressiva abolição da escravidão e a reforma da estrutura fundiária - deveriam ser implementadas pelo Estado monárquico¹. Reformas que se contrapunham aos interesses das elites agrárias e mercantis do novo país, as quais consideravam ser uma das principais funções do Estado a conservação da ordem social e da estrutura econômica herdadas do passado.

IHU On-Line - José Bonifácio era adepto do projeto de constituição de um império luso-brasileiro, que reconhecia a importância do Brasil, mas cujo centro político seria Lisboa. Que benefícios esse projeto propunha para a nova nação?

Márcia Miranda - José Bonifácio era um intelectual ilustrado que compartilhava com a elite lusa o projeto de constituição de um império que reconhecia a importância do Brasil para o sustento da posição de Portugal no concerto das nações européias. Desde a época pombalina, era claro, às autoridades portuguesas, que a colônia era o pólo mais dinâmico da economia lusa. Pombal e seus sucessores, dentre esses especialmente D.

¹ Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravidão e Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil. In: SILVA, José Bonifácio de Andrada. Projetos para o Brasil. DOLNIKOFF, Miriam (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 45-88 e 89-149. (Nota da entrevistada)

Rodrigo de Sousa Coutinho, consideravam importante preservar a colônia e reconheciam e afirmavam ser necessário mudar as relações entre a metrópole e a colônia, não apenas para obter maiores lucros dessa relação, mas também para que os laços que as ligavam fossem preservados². Mas se esse era o projeto defendido por José Bonifácio quando retornou para o Brasil em 1819, ele ganhara nova perspectiva em 1821 ao redigir os *Lembranças e apontamentos do Governo Provisório da província de São Paulo para seus deputados*, que deveria orientar os representantes dessa província nas Cortes de Lisboa. Nessa nova versão, Bonifácio já passava a defender a constituição de dois centros políticos, os quais seriam unidos por relações de igualdade e reciprocidade, não apenas no âmbito econômico e comercial, mas na manutenção de instituições e instâncias administrativas criadas quando da transferência da Corte para o Brasil. Foram justamente os conflitos surgidos no debate em torno da conformação desse império e da delimitação das relações entre suas partes que a cisão entre os deputados das províncias brasileiras e os deputados portugueses ocorreu, preparando as bases para o encaminhamento do rompimento formal dos laços políticos. A impossibilidade de constituição de Império, que preservasse os ganhos conquistados nos anos de permanência da Corte no Rio de Janeiro, deu lugar ao discurso de recolonização e justificou o ato de Independência.

IHU On-Line - Quais são as mudanças socioeconômicas ocorridas no Brasil pós-independência?

² Exposição da Administração dos Negócios da Fazenda por D. Rodrigo de Sousa Coutinho (EXPOSIÇÃO da Administração dos Negócios da Fazenda por D. Rodrigo de Sousa Coutinho. [S.l.], 1799. Localizado em: Fundação Biblioteca Nacional (BN), Coleção de Manuscritos - II - 30, 32, 31, n. 8.) (Nota da entrevistada)

Márcia Miranda - Essa é uma questão interessante e controversa. Como já demonstrou Wilma Peres Costa, a questão da continuidade ou ruptura associada à Independência na historiografia brasileira é um debate antigo³. Há um discurso muito recorrente de que a Independência limitou-se a uma alteração no estatuto político, sem que implicasse numa mudança da posição subordinada do Brasil no quadro econômico internacional, ou seja, que a emancipação efetivamente não implicou em qualquer modificação na ordem econômica. Ao mesmo tempo, associa-se a Independência a um projeto de preservação da ordem social defendido pela elite brasileira, como se essa fosse uma. Esse tipo de interpretação ganhou, ainda que às avessas, mais destaque por uma nova corrente da historiografia econômica que busca demonstrar a existência de capacidade endógena de acumulação de capital no âmbito da colônia, a qual estaria a serviço de um projeto arcaico. Essa perspectiva leva esses historiadores a reavaliar as idéias de sistema colonial e a minimizar as transformações sociais e econômicas decorrentes da transmigração da Família Real (1808) e da própria independência⁴, criticando interpretações

3 Costa, Wilma Peres. A Independência na historiografia brasileira. In: JANCSÓ, István (Org.). *Independência: história e historiografia*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2005. p. 53-118. (Nota da entrevistada)

4 FRAGOSO, João Luís; FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, c.1790-c.1840*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998; FRAGOSO, João Luís. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998 ; FRAGOSO, João Luís; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima S. *O antigo regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (Nota da entrevistada)

clássicas como as de Caio Prado Júnior⁵, Fernando Novais⁶ e Celso Furtado⁷.

No entanto, apesar da Independência não ter sido acompanhada por uma nova ordem social e por mudanças na estrutura fundiária ou na inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho, não acredito que seja possível desprezar as suas implicações econômicas e sociais. A construção do Estado brasileiro abriu espaço para novas disputas, redimensionando as possibilidades de participação das elites brasileiras na administração, na política e nos novos negócios que surgiam, ampliando as oportunidades que haviam sido introduzidas quando da instalação da Corte no Rio de Janeiro em 1808. Por outro lado, aquela mudança e a abertura dos portos, como apontou Celso Furtado, haviam implementado um novo sentido no fluxo de capitais, assim como a Independência deu novo sentido e dinâmica às decisões de investimentos, à elaboração da política econômica etc. Considerar essas mudanças é condição para que possamos pensar os debates e conflitos que surgiram nos anos seguintes à Independência e perceber a construção do Estado brasileiro como um processo que envolveu conflitos e negociações.

IHU On-Line - Bonifácio defendia o fim da escravidão e propunha que as relações entre senhores e escravas fossem medidas através do Estado. Essa atitude o conduziu para o esquecimento, já que a maioria dos proprietários de terras era contrária a essa idéia?

5 PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Nota da entrevistada)

6 NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial, 1777-1808*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. (Nota da entrevistada)

7 FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 24. ed. São Paulo: Nacional, 1991. (Nota da entrevistada)

Márcia Miranda - Não acredito que José Bonifácio tenha sido esquecido, no entanto, a imagem preservada foi a do “Patrono da Independência”, ou seja, do político que esteve presente nos momentos decisivos, orientando e apoiando o Príncipe Regente. Já as suas propostas de reforma social e econômica, foram pouco divulgadas ou estudadas. É possível que parte da oposição feita a José Bonifácio nos primeiros anos depois da Independência e

quando do seu retorno como tutor de D. Pedro II, tenha tido relação com suas propostas de reforma. No entanto, não podemos esquecer que seu afastamento do poder decorreu em grande parte pelas medidas autoritárias que tomou quando esteve no ministério entre os anos de 1822 e 1823, perseguindo implacável e violentamente os liberais que discordavam do seu projeto de Estado.

Um projeto em confronto com o de integração dos reinos

ENTREVISTA COM ANA ROSA CLOCLET

Para a economista Ana Rosa Cloclet, “o projeto elaborado por José Bonifácio confrontava diretamente com o projeto de integração dos Reinos”.

Questionada sobre em que consistia o programa de Bonifácio para a civilização de índios na sociedade nacional, ela explica:

“É possível dizer que a partir de 1808 elas ganham prioridade no pensamento de José Bonifácio, impondo ao Estado o papel de agente ‘civilizador’”, tendo “a sagrada obrigação de instruir, emancipar, e fazer dos Índios e Brasileiros uma Nação homogênea e igualmente feliz” e, simultaneamente, eliminar a condição degradada dos negros, os quais, enquanto escravos, transformavam-se em “entes vis e corrompidos”, afogando nos brasileiros “os sentimentos nobres e liberais desde o berço” e “cercando-os desde a infância de uma atmosfera pestilenta”. As afirmações foram feitas em entrevista realizada por e-mail à IHU On-Line. Atualmente, Cloclet é docente nas Faculdades de Campinas (FACAMP).

Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Cloclet é mestre e doutora em História pela mesma instituição com a dissertação Construção da nação e escravidão no pensamento de José Bonifácio: 1783-1823 e a tese Inventando a nação. Intelectuais ilustrados e reformistas luso-brasileiros na crise do Antigo Regime português: 1750-1822. Coursou pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Escreveu as obras Construção da nação e escravidão no pensamento de José Bonifácio: 1783-1823 (Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 1999) e Inventando a nação. Intelectuais ilustrados estadistas luso-brasileiros na crise do Antigo Regime Português: 1750-1822 (São Paulo: Hucitec, 2006).

IHU On-Line - Na etapa européia de sua vida, José Bonifácio teve uma formação acadêmica e ocupou diversos cargos na administração do Reino. Como essas experiências contribuíram na formulação de suas idéias de nação?

Ana Rosa Cloclet - Compreender os fios de continuidade entre o reformismo ilustrado luso-brasileiro - empresa que visava, a partir do arejamento mental proporcionado pela absorção das “Luzes” em voga no mundo europeu no século XVIII, reforçar os próprios

sustentáculos da Monarquia absolutista e os mecanismos garantidores da coesão imperial luso-brasileira - e o projeto nacional andradino, implica perquirir os motivos pelos quais o Brasil fez-se Império antes mesmo de se fazer nação. O tema tem mobilizado a reflexão de diversos estudiosos interessados em desvendar facetas inéditas deste verdadeiro enigma que constitui a formação do Estado e da Nação brasileiros, interesse mediante o qual se consolida a proficuidade de análises articuladas das questões imperial e nacional, bem como a tônica conferida à atuação de intelectuais e estadistas que, engajados no esforço conjunto pela confecção de reformas originalmente destinadas a “emendar o velho Reino” português, acabaram esboçando os próprios contornos de um projeto de Brasil independente.

Este é o enfoque que, a meu ver, justifica a relevância conferida a José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), legítimo herdeiro de idéias e práticas políticas cunhadas no âmbito do reformismo ilustrado luso-brasileiro e, desde 1821, principal mentor e viabilizador da Monarquia Constitucional, na figura de D. Pedro I. Fixando a dimensão imperial do projeto nacional andradino, é possível afirmar que, se há uma evidente perenidade da idéia de Império na tradição lusa - remontando aos cronistas dos Quinhentos e dos Seiscentos - a novidade que se instala desde o início do século XVIII é que sua inspiração parte de uma reflexão cosmopolita acerca da fragilidade de Portugal no equilíbrio de poder entre as potências européias. Especificamente, as Conquistas deixavam de ser vistas como meros “acessórios” de Portugal, passando a “seu principal e ainda garantes da sua conservação” - conforme instruíra o estadista D. Luís da Cunha -, com destaque para “as do Brasil”, desde então concebido como verdadeiro esteio da Monarquia, dada a exuberância de seu potencial natural.

Em outros termos, era a convicção coeva de que “sem o Brasil, Portugal é uma insignificante potência”, que inspirava as políticas reformistas no sentido de criar um

novo modelo de exploração colonial, no qual o desenvolvimento da metrópole passava a ser concebido conjunta e articuladamente ao da colônia. Colocando a natureza como base e justificativa da coesão imperial e do impulso econômico, é este o momento que marca uma nova concepção do Império, pautada na percepção da singularidade do até então genérico Brasil, “(re)inventado”, portanto, no bojo de uma determinada cultura científica do final do Setecentos.

Preocupações e referenciais teóricos

A É neste universo de preocupações e referenciais teóricos que José Bonifácio ingressaria desde 1789, como sócio-correspondente da *Academia Real das Ciências de Lisboa*, agremiação fundada em 1779 e que mais fielmente exprimiu o pragmatismo cientificista, que dera o tom da orientação mental e política do reformismo ilustrado pós-pombalino. Tendo cursado as Faculdades de Leis e Filosofia em Coimbra - nas quais ingressara em 1783 -, inseria-se, então, na principal instância arregimentadora da intelectualidade luso-brasileira, compartilhando do propósito comum aos demais sócios sobre a premente regeneração econômica do Reino e de uma formação intelectual que primava pela indissociável articulação entre teoria e prática a serviço da Monarquia, aprimorada durante seu escalonamento para uma excursão científica por diversos países europeus, entre 1790 e 1800. O alinhavo entre a formação intelectual e sua experiência de homem público - ocupando diversos cargos desde que retornara a Portugal, em 1801- fora coroado por uma insaciável sede de conhecimento sobre todos os assuntos que dissessem respeito ao Império português, o que José Bonifácio procurava suprir, em grande medida, pelos estudos de História. Assim, na linha seguida pelos demais reformistas da Academia de Lisboa - da qual tornara-se secretário, em 1812 - elaborava seu diagnóstico acerca da decadência do Reino - atribuída à “mania das Conquistas e Colônias” e ao “sistema dos

descobrimientos” -, bem como uma espécie de receituário sobre a melhor “arte de governar”.

A partir dos conhecimentos colhidos nas obras de viajantes e naturalistas que percorreram as regiões ultramarinas, mas também nos escritos dos jesuítas e nas correspondências dos administradores coloniais - com especial ênfase naquelas enviadas de São Paulo, sua capitania natal - convencia-se da centralidade do Brasil no sistema imperial, esboçando planos para o desenvolvimento da indústria e dos incentivos à agricultura, tanto na metrópole quanto nas colônias, pois, segundo ele, ambas teriam “interesses iguais e recíprocos”, de forma que, “se a Colônia se empobrece sofre a Metrópole, e vice-versa. É uma Lei da Natureza”. Em suas inúmeras *Notas, pensamentos e memórias* descrevia fielmente a natureza brasílica, seu potencial econômico, aspectos de sua demografia e comércio, concluindo, ao fim e ao cabo, que “Portugal foi uma estrela errante que brilhou por um instante e apagou-se para sempre”, cuja prosperidade econômica e soberania política dependeriam, necessariamente, da preservação e dinamização do sistema luso-brasileiro, sustentado por uma Monarquia ilustrada, ao sabor da ensaiada no governo de D. Maria I. Este, portanto, o fio de continuidade entre o Império luso-brasileiro e o Império Constitucional Brasílico. De outra forma, este o percurso através do qual José Bonifácio transitou dos propósitos reformistas destinados a revigorar a Monarquia portuguesa, para a difícil de “criar então, como por milagre, uma Nação nova, grande e respeitável”, conforme ele próprio reconhecia.

IHU On-Line - A posição de José Bonifácio pró-independência política e sua ação como articulador da elite brasileira foi construída no curto período entre 1820 e 1822. Como se deu esse processo?

Ana Rosa Cloclet - De fato, pode-se dizer que a articulação da independência foi forjada nesta

conjuntura mais curta, de 1820-1822. Contudo, compreender o esgarçamento da unidade luso-brasileira remete, necessariamente, à inflexão política comportada pela transferência da Corte para o Rio de Janeiro, em 1808, marco fundamental da crise do Antigo Regime português. Inaugurando um período de “inérita aceleração histórica no mundo luso-americano”, implodia-se, então, com o próprio conceito de metrópole - entendida como centro para o qual convergem as diferentes partes da Monarquia -, de modo que os “reínóis” de antes tornavam-se não mais “metropolitanos”, mas apenas “europeus”. Uma significativa alteração, acreditamos, para o plano das alteridades e identidades em construção.

No concernente aos projetos políticos formulados pelo âmbito dos estadistas portugueses, 1808 impunha uma inflexão fundamental à idéia do “vasto Império luso-brasileiro” - dado que Portugal deixava de ser o “ponto de reunião” das partes e o “assento da Monarquia” -, implicando a necessidade de articular as novas bases sociais de sustentação da autoridade régia na sua nova sede, alterando as “tradicionais rotas de peregrinação” no espaço imperial e, no limite, impondo repensar os próprios fundamentos simbólicos da Monarquia.

Assim, guiados pelo intento de que do Brasil dependia a “regeneração” do velho e decadente Portugal, passaram a estruturar na porção americana do Império todo um aparato institucional e administrativo, reproduzindo unidades paralelas do governo e seus respectivos cargos, com vistas a estabelecer as bases políticas do novo Estado soberano. Além disso, impunha-se o forjamento de vínculos eficazes entre a pessoa real e os grupos influentes da sociedade colonial, o que se deu, em boa medida, pela prática de concessão de títulos, honorarias e mercês por parte da Coroa, em troca do suporte político. Derivava daí toda uma política de agraciamento dos negociantes de grosso trato - únicos detentores de liquidez suficiente para fazer frente às

despesas do momento -, que correu paralelamente à política de integração mercantil do Centro-Sul, com especial impacto na região Sudeste de Minas Gerais, então tornada no principal núcleo produtor e abastecedor do mercado carioca. A ela correspondeu um processo mais amplo de fundamentação das bases estruturais do Estado nacional e de emergência de grupos econômicos locais, portadores de projetos políticos alternativos de tipo nacional mas, de qualquer forma, irreversíveis ao antigo estatuto colonial.

Às entusiásticas expectativas nutridas pelos habitantes do Brasil, em razão da percepção de que a proximidade ao centro decisório do poder poderia trazer-lhes benefícios bem concretos e uma maior possibilidade de participação na “gestão da coisa pública”⁸, contrapunha-se o inegável sentimento de “orfandade” pelo qual foram tomados os súditos peninsulares, agravado pela demora de D. João VI em regressar a Portugal, mesmo após o fim da Guerra peninsular. Esta a oposição de interesses que, progressivamente, gestaram as condições para a Revolução Constitucionalista iniciada no Porto, em agosto de 1820, rompendo com a própria Monarquia absolutista.

Desde então, generalizava-se o sentimento de que a “novação” do pacto político nacional deveria assentar-se na confecção de uma Constituição a ser elaborada pelas Cortes reunidas em Lisboa, desde 1821, formadas por deputados capazes de representarem os interesses das diferentes províncias do Império. José Bonifácio de Andrada e Silva - à época chamado para dirigir a eleição da Junta paulista - foi quem melhor sistematizou os termos que passaram a nortear esta disputa transatlântica pela hegemonia do poder.

Entendendo a “Constituição” como o “Pacto Social em que se expressavam e declaravam as condições, pelas quais uma Nação se quer constituir em Corpo Político”,

⁸ István Jancsó e Garrido Pimenta, “Peças de um mosaico”, op. cit. (Nota da entrevistada)

sendo seu fim “o bem geral de todos os indivíduos” que nele entrassem, instruía a deputação paulista a defender os interesses gerais da Nação, sem deixar de contemplar os específicos da província. Da mesma forma, opunha-se aos decretos lisboetas de 29 de Setembro de 1821, que determinavam o regresso do Príncipe D. Pedro a Portugal, interpretados como verdadeiro projeto recolonizador das Cortes, que não teriam outro fim senão “desunir-nos, enfraquecer-nos, e até deixar-nos em mísera orfandade, arrancando do seio da grande Família Brasileira o único Pai comum, que nos restava”.

Confronto com o projeto de integração dos Reinos

Tratava-se, em suma, de apoiar a unidade imperial não mais numa suposta natural reciprocidade de interesses, mas numa paridade de direitos, o que justificava não apenas sua reivindicação pelo igual número dos deputados dos três Reinos enviados às Cortes Gerais, como a necessidade de o Brasil contar com uma sede do Executivo, vislumbrada como condição de sua integridade interna. Por fim, atentando para a “diversidade do clima e estado da Povoação, composta no Brasil de classes de diversas cores, e pessoas umas livres e outras escravas”, reivindicava uma “Legislação Civil particular” para este Reino.

Nos termos expostos, o projeto elaborado por José Bonifácio confrontava diretamente com o projeto de integração dos Reinos, defendido pela deputação portuguesa. Neste clima, acirravam-se as tradicionais rivalidades entre os habitantes dos dois hemisférios - excitando o “descontentamento de todo o Brasil” com a atitude das Cortes - e, do ponto de vista da atuação andradina, deslocando sua ênfase das condições da unidade entre os Reinos para aquelas que deveriam garantir a integridade do Brasil, como corpo político autônomo. Este foi o clima que determinou a aceleração dos fatos, os quais acabaram fugindo ao encaminhamento

político das discussões em Cortes.

Apesar de o texto final da Constituição acabar aprovando a existência de uma delegação do Executivo no Brasil, encarregada a uma regência, e a autonomia das províncias para dela ficarem independentes, unindo-se diretamente a Portugal, já por esta altura D. Pedro, decidira convocar uma Assembléia Constituinte e Legislativa no Brasil (03 de Junho de 1822), reconhecendo, pouco tempo depois, que este caminhava a passos largos e inexoráveis no caminho da completa autonomia política, confirmada pelo 7 de Setembro.

IHU On-Line - Em que consistia o programa para civilização de índios na sociedade nacional?

Ana Rosa Cloclet - É possível dizer que, embora tais idéias viessem sendo amadurecidas desde sua fase de Coimbra (1783-1789) - quando, já então, ocupava-se de medidas destinadas a “remediar a sorte infeliz destas duas extensas classes de indivíduos do Brasil” -, a partir de 1808 elas ganham prioridade no pensamento de José Bonifácio, impondo ao Estado o papel de agente “civilizador”, tendo “a sagrada obrigação de instruir, emancipar, e fazer dos Índios e Brasileiros uma Nação homogênea e igualmente feliz” e, simultaneamente, eliminar a condição degradada dos negros, os quais, enquanto escravos, transformavam-se em “entes vis e corrompidos”, afogando nos brasileiros “os sentimentos nobres e liberais desde o berço” e “cercando-os desde a infância de uma atmosfera pestilenta”.

Sob este enfoque, portanto, apontava como os “dois objetos capitais para o Brasil”, “Legislar e moldar de novo Índios e Escravos de raça Africana”. No primeiro caso, recomendava o “casamento de Portugueses e mulatos com Índios, cuidando principalmente em que estes se vão estabelecer nas novas aldeias, a fim de se não despovoarem com a emigração dos Índios”; a atribuição de um “prêmio pecuniário a todo Cidadão Brasileiro ou branco, ou de cor, que se casar com Índia-gentia”; bem

como o estímulo ao comércio interno que, assumindo esta função social, acabaria estimulado pela própria domesticação dos índios bravos do Brasil, dando novo fôlego às reformas em prol da almejada solidez política do Império.

Em todos estes casos, a política civilizatória projetada pelo Andrada desvendava a intenção de integrar o índio à sociedade brasileira enquanto ente econômico - fosse como “caçador”, “pastor” ou “lavrador” - o que, se por um lado esclarecia o sentido conferido ao termo “civilização”, por outro revelava as interfaces entre as questões do índio e do negro. Especificamente, o fato de a escravidão conferir uma conotação degradante ao trabalho, incompatível com o intento de fazer com que os “índios trabalhem com a enxada como os negros” e que “sejam tão estimados como os brancos, que julgam por vileza o romper o seio da terra, ainda mesmo os que a pouco deixaram de conduzir o arado, de cuidar das cabras e porcos”.

Mas a escravidão fundava um problema político ainda mais amplo, representando, naquele momento, uma ameaça à própria preservação da porção americana do Império. Referenciado nas leituras do publicista francês Dominique De Pradt - segundo o qual as “Colônias que precisam de Pretos perdem-se pelo aumento desta povoação estranha que recebem em seu seio” - e na então recente experiência do Haiti, temia que o elevado número de escravos do Brasil seguisse este último exemplo, fato que acreditava plausível mediante a peculiar situação do Rio de Janeiro, referido como a “Nova Guiné”, que tinha na escravatura o “inimigo político e moral mais cruel” do Império. Desse modo, propunha Leis “regulativas” da escravidão, destinadas a abrandar o tratamento dos negros, aprimorar seus usos e costumes e, através da promoção dos casamentos entre brancos, índios e negros, promover sua lenta assimilação ao corpo social. Aqui, o Estado assumiria um papel interventivo na esfera privada do poder, suavizando as relações entre senhores e

escravos e distribuindo a estes últimos terras para o cultivo, bem como educação física e moral, de forma a torná-los aptos à liberdade.

Miscigenação como civilização

Estas idéias surpreendem por vislumbrarem a miscigenação como um dos principais métodos a ser empregado no caminho da civilização. Neste sentido, ao avaliar os obstáculos que a escravidão representava ao desenvolvimento da Nação, José Bonifácio não recorria a uma argumentação racial, denunciadora da inferioridade do negro e tão em voga no século XIX. Visava os efeitos maléficos da instituição e não da raça, muito embora reconhecesse que a diferença de cor representasse uma barreira a mais na assimilação da população heterogênea, pois, segundo ele, “Não só o escravo aqui é inferior ao amo, mas o negro o é também ao branco”.

Acreditava na vitalidade social promovida pela “mistura de sangue” - pois “tem-se notado que a população mestiça é muito mais ativa” - e era com tal propósito que defendia as iniciativas de colonização do país com imigrantes estrangeiros e, principalmente, os europeus, pois assim a raça se “branquearia”, facilitando a assimilação social do liberto. Recomendava, ainda, uma especial atenção aos “Mulatos”, que, apesar de “soberbos e revoltosos”, “são muito habilidosos”.

A questão da escravidão remetia também ao problema da estrutura fundiária do país, pois permitia a existência de grandes extensões de terras incultas e a baixa produtividade da lavoura, ao barrar a introdução de novas técnicas. Assim, encarava a civilização dos índios como condição essencial para o fim da escravatura, e esta como necessária medida a ser acompanhada pela redistribuição das terras em pequenas e médias propriedades. Em seus *Apontamentos sobre as sesmarias do Brasil*, condicionava suas doações a que “os donos sigam novo método de cultura à européia”, prevendo ainda a incorporação das terras incultas aos bens da Coroa, que deveria vendê-las e aplicar a renda nas “despesas de estradas, canais e

estabelecimentos de colonização de Europeus, Índios e negros forros”.

Sob esta ampla perspectiva, portanto, o problema social no Brasil aparecia como requisito essencial à garantia da coesão política do Império luso-brasileiro, pois acreditava que “Quando o governo se estreita sobre poucas cabeças, perde forças, e o corpo político a sua solidez: à proporção que ele se estende sobre um maior número, o todo prospera e faz-se inabalável na sua unidade”.

IHU On-Line - Nos projetos apresentados por Jose Bonifácio à Assembléia Constituinte e nas suas propostas de constituição de nação, é possível perceber a influência dos pensadores iluministas europeus?

Ana Rosa Cloclet - O ambiente reformado da Universidade de Coimbra, bem como o percurso por alguns dos principais centros científicos do país e da Europa Setecentista, seguramente constituíram referência fundamental à formação do pensamento andradino. Contudo, compreender a “filtragem” que as “Luzes” receberam pelos ilustrados e reformistas luso-brasileiros da época exige atenção não só às necessidades específicas do Reino - e do Império, como um todo - mas àquilo que pode ser considerado “o primeiro padrão de referência na filosofia portuguesa dos setecentos”: seu marcado ecletismo. Isto porque, conforme interpretação de Francisco Contente Domingues, se por um lado as “vozes da renovação levantaram-se contra o notório imobilismo da escolástica perante os novos caminhos da ciência e da filosofia, tal como a consideravam”, por outro, “não era fácil, ou sequer única, a via alternativa”.

Daí, nos textos dos reformistas e intelectuais da época - especialmente nas *Memórias econômicas* elaboradas no âmbito da *Academia real das Ciências de Lisboa* -, tal ecletismo fundamentar uma atitude

pragmática em relação ao conhecimento, própria à filosofia do século. Além do evidente acento conferido ao cientificismo das Luzes e à crença na razão transformadora, os intelectuais da Academia de Lisboa revelaram um articulado de princípios e teorias os quais, longe de indicarem uma tendência definida, obedeceram à própria necessidade de se dar respostas específicas a problemas variados, atestadores da genérica noção de decadência do Reino. Era nas palavras de um dos mais ilustres sócios da Academia - o naturalista italiano Domingos Vandelli - que este sincretismo de idéias e princípios, lastreado pelo pragmatismo cientificista seria claramente definido, ao recomendar que “todos os ramos da Economia Civil, para que seja útil ao Reino, devem ser regulados por princípios de uma boa Aritmética Política; assim não se devem seguir sistemas, sem antes examiná-los e confrontá-los com as atuais circunstâncias da nação”.

Ao reclamar a importância da Estatística para o “conhecimento perfeito de um País que gradualmente descobre recursos, que os Políticos desconhecem”, Manuel de Almeida - o Visconde da Lapa - deixou registrada uma das poucas reflexões essencialmente teóricas da Academia, delimitando as fronteiras do pensamento econômico daqueles intelectuais, através dos três sistemas básicos por eles instrumentalizados: o “Crítico, Mercantil e Fisocrático”, o primeiro associando-se à economia política liberal inglesa, o segundo ao “mercantilismo clássico” e o terceiro à fisocracia. Segundo ele, os mesmos concordariam por entenderem, respectivamente, “a Agricultura, a Manufatura e o Comércio” como as bases da “riqueza de uma Nação” e por defenderem a adequação da Indústria à “natureza do país”. Variariam quanto à “predileção por cada um destes objetos”, bem como em relação ao ponto ideal da intervenção do Governo na direção das liberdades individuais.

Reformas para o reino português

A partir deste misto de dominantes teóricas, José Bonifácio, a exemplo de seus pares, projetaria as reformas para o Reino português e Ultramar. Definindo-se como “filósofo, isto é, constante indagador da verdadeira e útil sabedoria”, tomava a “Filosofia’ como a “mestra da vida, a educadora dos Povos e dos Príncipes; a guia da Legislação; a protetora da Agricultura e abundância interna do Estado; a sentinela alerta, que vigia acordada sobre os vícios e crimes, que nascem do erro e falta de amor e do belo moral”.

Esta é a concepção que justificava o papel central conferido à reforma do ensino, bem como à criação de estabelecimentos científicos, no Reino e seus domínios. Já em 1797, advogava a necessidade de uma Sociedade de Filósofos Lisbonenses; da mesma forma, projetava a criação de Sociedades Econômicas e a Reforma das Primeiras Escolas, a ser seguida em diversas províncias do Reino - “Coimbra, Porto, Braga, Bragança, Leiria, Setubal (...) Évora, Beja, Aveiro, Viana” - e do Ultramar - “Rio, Vila Rica, Mato Grosso, Vila Boa, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Maranhão, Santa Catarina, Rio Grande de São Pedro, Angola, Moçambique, Goa.

Sob este mesmo enfoque, sugeria ao Conde de Funchal, em 1813, a necessidade de que “a razão e as ciências ganhem pés diariamente” no Brasil, tendo em vista a falta de “educação física e científica” que afetava seu povo - mas também o de Portugal, comparado ao próprio “Inferno de Dante, onde quem entra deixa toda a esperança à porta” -, contrastante com sua centralidade no conjunto do Império. A preocupação ganhava contornos mais específicos no seu Esboço de uma Universidade no Brasil, projetada para ter “assento em São Paulo, pelo bom clima e salubridade do ar, barateza de comestíveis e alojamento e pela fácil comunicação com as capitânias do Centro e da Costa”.

Além da preferência pela sua terra natal, manifestava

aqui uma clara influência do naturalismo sob o qual formara-se intelectualmente, prevendo “uma base científica com elementos das ciências físicas e naturais” e, na classe de Jurisprudência - a terceira era a de Medicina - o destaque para as cadeiras de Direito Natural e Pátrio. Em outros termos, o projeto conformava uma estrutura pedagógica na linha dos Estatutos pombalinos para a Universidade de Coimbra, sob cuja orientação formara-se o próprio José Bonifácio, sintonizados, por sua vez, com a Filosofia do século.

A crença na razão transformadora justificava ainda o papel conferido ao “homem de Letras”, o qual acreditava “pelo exercício habitual da razão e do gosto fortifica ambas as coisas, e cria para si prazeres continuamente renovados”, sendo, assim, “o mais feliz dos homens”. Aí, embutia-se o mesmo sentimento dos demais membros da Academia de Lisboa, os quais, associando saber e poder, viam-se como portadores da missão de orientar a política nacional, executar as reformas prementes e capacitados a julgarem “méritos” e “virtudes”. Todas estas concepções afinadas ao papel que os filósofos das Luzes se auto-imputavam.

Com base nesta opinião - que se referia à sua própria condição - e na constatação de que o “quase nenhum melhoramento de Portugal são falta de probidade e zelo em grande parte dos empregados públicos, e ignorância não confessada em quase todos” -, relegava ao “homem de letras” o papel de Conselheiro dos Tronos e principal encarregado da administração do Império. Idéia fecunda pois, a meu ver, iluminaria sua proposta endereçada às Cortes de 1822, de um Executivo local, com legislação contemplativa das particularidades provinciais, bem como sua idéia acerca dos homens adequados para assessorar D. Pedro.

Os projetos andradinos não se restringiram ao plano da educação moral e científica da sociedade. Revelando-se um homem de seu tempo, preocupava-se com o desenvolvimento das ciências e da indústria - elaborando

um plano para o estabelecimento de Sociedades Econômicas em Portugal, destinadas a “promover a indústria popular”; para a criação de uma Administração das Minas e Escolas práticas de Metalurgia - posteriormente concebidas como uma Escola Prática de Minas, “para fazer florescer as minas do Brasil e Portugal” -; além de refletir amplamente sobre os objetos da agricultura. Revelando forte influência da fisiocracia, referia-se a este último ramo de atividade econômica como tendo sempre atraído sua “atenção e amor”, tornando-o temática privilegiada de suas inúmeras *Notas e apontamentos*.

Além da agricultura, mencionava novos objetos econômicos, como o aperfeiçoamento e aumento das salinas da Costa e niterrias naturais do Centro da Bahia, a promoção das pescarias - “principalmente as da minha capitania” -, o melhoramento dos métodos da pecuária e, especialmente, a indústria de “lãs, seda e cânhamos”. Neste último caso, a reflexão de José Bonifácio era inspirada na idéia compartilhada pelos intelectuais da Academia de Lisboa, segundo a qual “sem fábricas e manufaturas nenhum Estado é rico e independente.

Todas estas idéias e preocupações fazem de José Bonifácio um autêntico herdeiro das Luzes, delinendo sua atuação política no contexto mais imediato da Independência quando então impunha-se lidar com os principais vieses de nossa formação colonial e escravista. No plano político, criando uma identificação entre Estado e sociedade - fazendo esta última reconhecer-se como representada no primeiro -, mediante a projeção da figura de D. Pedro, para a qual concorreram, simultaneamente, práticas e mecanismos típicos do Antigo Regime e uma noção de pacto bebida no cerne do liberalismo político das Luzes. No plano social, criando ideologicamente uma identidade nacional em contraposição ao inimigo externo e encampando um projeto que, embora de longo prazo, visava a integração de partes heterogêneas, num “corpo sólido e político”, o que implicava a superação da ordem

escravista. No plano econômico, tratando de uma série de reformas - dentre as quais a própria abolição do tráfico africano -, destinadas à completa internalização do processo de acumulação de capital, já iniciado com a quebra do pacto colonial, em 1808.

IHU On-Line - Como intelectual formado nos quadros da ilustração européia, José Bonifácio acreditava que poderia convencer a elite brasileira a importância dessas reformas? Como buscou fazer isso?

Ana Rosa Cloctet - Ele concebia a dificuldade de tal empresa. Sabia que era preciso interessar homens ignorantes e fincados no desejo de distinção social. Assim, na conjuntura mais imediata da Independência, se, por um lado, alimentava o temor das elites brasileiras acerca dos riscos trazidos pelo republicanismo - que ameaçavam a integridade brasileira e acenava com a ampla difusão do princípio da igualdade de todos perante a Lei -, por outro, tratava de promover a coesão de seus amplos setores em torno da Monarquia Constitucional, na figura de D. Pedro. Anos depois, já no seu exílio, em Bordéus, justificava tal atitude da seguinte forma: “Acusam-me alguns, que plantei a Monarquia. Sim, porque vi que não podia ser de outro modo então; porque observava que os costumes e o caráter do povo eram eminentemente aristocráticos; porque era preciso interessar as antigas famílias e os homens ricos, que detestavam ou temiam os demagogos; porque Portugal era Monárquico, e os brasileiros eram macacos imitadores. Sem a Monarquia, não haveria centro de força e união, e sem esta não se poderia resistir às cortes de Portugal, e adquirir a Independência Nacional”.

IHU On-Line - Em 1823, Bonifácio apresentou uma Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravatura no Brasil, na qual defendia a extinção gradual da

escravidão e a emancipação dos escravos. O que ele pretendia com essa atitude?

Ana Rosa Cloctet - Seu objetivo era, sem dúvida, colocar em prática as reformas sociais, desde antes projetadas, tratando de formar um povo brasileiro, o cidadão pleno em direitos e deveres, nos moldes de uma nação liberal. Neste sentido, a idéia de uma abolição gradual vinha em sintonia não só com sua formação intelectual - a concepção cunhada no cerne do próprio Iluminismo, de que, assim como na natureza, as transformações políticas e sociais devem se dar por etapas, e não aos saltos -, mas com as necessidades do momento. Primeiramente, é preciso considerar que José Bonifácio estava depondo contra a escravidão do seio de uma sociedade escravista, o que impunha limitações ao seu projeto, principalmente se atentarmos para a grande proporção de escravos em relação à minoria branca e, conseqüentemente, os riscos de se divulgar um discurso antiescravista. Mas, além disso, a necessidade de interessar as elites brasileiras, para viabilizar seu projeto de Monarquia Constitucional, impunha um tom moderado à questão. Por fim, é preciso considerar que a sociedade brasileira, estruturada em bases tipicamente coloniais, tinha no escravismo o fundamento da economia nacional. Dessa forma, a emancipação dos escravos deveria ser gradual, a fim de evitar que esta última se desestruturasse.

IHU On-Line - A criação de uma cultura comum, objetivo de Bonifácio na época, pode ser vista como uma atitude preconceituosa e dominadora?

Ana Rosa Cloctet - Seria um anacronismo pensar nestes termos. José Bonifácio é um homem de seu tempo e, do ponto de vista das camadas dominantes, não caberia outra forma de se pensar senão a partir da projeção de valores e princípios coesivos formulados pela ótica de homens brancos e proprietários de escravos que, até então, se reconheciam como “portugueses”.

Brasil independente?

ENTREVISTA COM MIRIAM DOLHNIKOFF

De acordo com a professora Miriam Dolhnikoff, na época da Independência “não existia no governo político das elites a noção de um governo popular”. Essa, segundo ela, é a justificativa que demonstra a falta de participação do povo no processo de Independência brasileiro. Assim, explica a pesquisadora, a aristocracia “era a alternativa, com ou sem Independência”. AS declarações da historiadora foram concedidas à IHU On-Line por e-mail.

Miriam Dolhnikoff é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre e doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, ela atua como docente da Universidade de São Paulo (USP). Sobre o Patriarca da Independência, a professora publicou o livro José Bonifácio de Andrada e Silva. Projetos para o Brasil (São Paulo: Companhia das Letras, 1998).

IHU On-Line - Nos primeiros anos da década de 1820, José Bonifácio de vice-presidente da Junta Governativa da Província de São Paulo passou a ser, rapidamente, o principal articulador da Independência política em torno do Príncipe Regente. Como isso foi possível? Qual a importância daquela província nesse processo?

Miriam Dolhnikoff - Na verdade, não foi por ser paulista que Bonifácio tornou-se articulador da Independência. A importância não era de São Paulo e sim do próprio Bonifácio. Aos 20 anos, ele foi para Portugal e de lá só retornou ao Brasil aos 56 anos. Durante este período, Bonifácio fez uma bem-sucedida carreira de mineralogista e ingressou para os quadros da elite lusitana. Bonifácio foi um importante discípulo de D. Rodrigo de Souza Coutinho⁹, ministro de D. João VI¹⁰ e

um dos articuladores do governo metropolitano no Rio de Janeiro, a partir de 1808. Ao mesmo tempo, Bonifácio tinha relações com as elites locais. Assim, ele tinha uma posição privilegiada para negociar um acordo entre o grupo do reino liderado por D. Pedro e as elites locais. Acordo que foi responsável pela Independência brasileira.

¹⁰ João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael de Bragança (1767-1826): foi rei de Portugal, entre 1816 até a sua morte. Casou-se com Carlota Joaquina de Bourbon. Devido à doença da mãe, D. Maria I, ele assumiu o poder. Seu reinado decorreu em época de grandes mudanças mundiais e em Portugal. Em 1793, aliou-se à Espanha no combate à Revolução Francesa. Em 1807, sem condições de enfrentar Napoleão, D. João VI fugiu para o Brasil com a família. Retornou para o país de origem em 1821, nomeando seu filho D. Pedro, como regente da colônia. Este, em 1822, influenciado por José Bonifácio, proclamou a Independência do Brasil. (Nota da *IHU On-Line*).

⁹ D. Rodrigo de Souza Coutinho (1755-1812): primeiro Conde de Linhares, foi militar e político português. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Apesar dessas propostas, Bonifácio resistiu à convocação da Assembléia Constituinte, defendendo a criação de um Conselho de Procuradores das Províncias. Qual é a diferença entre esses dois órgãos?

Miriam Dolhnikoff - A assembléia constituinte seria e foi eleita pelos eleitores do país, aqueles que preenchessem os requisitos legais para ter direito de voto. O conselho de procuradores seria escolhido por governos locais. Desta forma, tinha um caráter mais elitista.

IHU On-Line - Bonifácio era contrário à idéia de democracia. Essa posição pode explicar o fato de no Brasil não ter ocorrido uma revolução no processo de Independência brasileiro?

Miriam Dolhnikoff - Não. Em primeiro lugar o que entendemos hoje por democracia não existia no século XIX em nenhum país. O que existia era o modelo liberal de governo representativo, que poderia ser tanto monárquico como republicano. Bonifácio defendia o governo representativo e por isso foi contra o fechamento da Constituinte pelo imperador em 1823. Ele era contra democracia no sentido de ser contra a república e a favor da monarquia, mas esta deveria ser constitucional e representativa. De outro lado, não é correto julgar o processo de Independência como a não ocorrência de uma revolução que deveria ter acontecido. Independência neste período era justamente o que aconteceu: romper com os laços coloniais. Este foi o sentido de todas as independências do continente, com a única diferença de que na América inglesa e na América espanhola ela foi conquistada mediante luta armada, e na América portuguesa, graças à vinda da Corte, a ruptura com a metrópole foi possível sem enfrentamentos armados.

IHU On-Line - José Bonifácio queria mesmo a Independência do Brasil, ou ele pretendia manter as

coisas como estavam, com o poder comandado pela aristocracia?

Miriam Dolhnikoff - Bonifácio, a princípio, acalentava um projeto de império luso-brasileiro. Ou seja, que a América portuguesa permanecesse como parte do império lusitano, mas não como colônia. A idéia era que a América portuguesa tivesse, dentro do império, o mesmo estatuto que Portugal. Por discordar da forma como estava sendo organizado politicamente o império, a partir da Revolução do Porto¹¹ em 1820, com um governo centralizado em Lisboa, Bonifácio e as elites da América portuguesa optaram pela Independência. Quanto ao poder comandado pela aristocracia, esta era a realidade das monarquias européias e da república norte-americana. Não existia no horizonte político das elites a noção de um governo popular. Deste modo, o governo por uma aristocracia era a alternativa com ou sem Independência.

IHU On-Line - A população teve consciência do que foi a Independência do Brasil, uma vez que não participou do processo?

Miriam Dolhnikoff - Apesar de não ter participação direta, a população sabia o que estava acontecendo. A Independência foi fartamente divulgada.

¹¹ **Revolução do Porto:** movimento liberal que acarretou consequências tanto na História de Portugal como na História do Brasil. Iniciado na cidade do Porto em 24 de agosto de 1820, cuja burguesia mercantil se ressentia dos efeitos do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas (1808), que deslocara para o Brasil parte expressiva da vida econômica metropolitana, o movimento reivindicatório logo se espalhou, sem resistências, para outros centros urbanos de Portugal, consolidando-se com a adesão de Lisboa. Iniciado pela guarnição do Porto, irritada com a falta de pagamento, e, por comerciantes descontentes daquela cidade, conseguiu o apoio de quase todas as camadas sociais. Entre as suas reivindicações, exigiu 1) o imediato retorno da Corte para o reino, visto como forma de restaurar a dignidade metropolitana; 2) o estabelecimento, em Portugal, de uma Monarquia constitucional; e 3) a restauração da exclusividade de comércio com o Brasil (reinstauração do Pacto Colonial). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Em que consistiram os “Projetos para o Brasil” idealizados por José Bonifácio?

Miriam Dolhnikoff - Bonifácio escreveu bastante, mas eram na sua maior parte escritos pessoais e correspondência. Nestes escritos ele deixa claro qual era a nação que, como estadista, ambicionava construir.

IHU On-Line - Qual era essa nação que ele ambicionava construir?

Miriam Dolhnikoff - Bonifácio queria construir uma nação segundo os parâmetros europeus. Isto significava implementar um projeto civilizador, de modo a transformar a população brasileira de acordo com os valores europeus. Ele acreditava que para isto era preciso primeiro homogeneizar a população, do ponto de vista cultural, racial e político. Por isso, defendia a mestiçagem e o fim da escravidão.

IHU On-Line - Quando Bonifácio incentivava o casamento entre brancos e índios, por exemplo, ele tentava “civilizar” os indígenas?

Miriam Dolhnikoff - Ele tentava sim civilizar os indígenas. Naquela época, a elite branca considerava que a única civilização existente era a européia e defendia um projeto civilizador para o Brasil, onde negros, mestiços e índios compunham uma parte significativa da

população. O interessante no Bonifácio é defender a mestiçagem como processo civilizador, em uma época em que a maioria da elite branca acreditava que a civilização viria da supremacia dos brancos e não da mistura.

IHU On-Line - O que o incentivo à mestiçagem representou para a nova nação? De que maneira essas idéias ajudaram a construir um País de etnia diversificada?

Miriam Dolhnikoff - As idéias de Bonifácio eram minoritárias na época. A mestiçagem não foi incentivada pela elite, mas ela existia como parte do processo social brasileiro.

Independência do Brasil: um movimento socialmente conservador

ENTREVISTA COM JOSÉ MURILO DE CARVALHO

José Bonifácio “representou a liderança mais firme e lúcida no processo de Independência”, afirma o pesquisador José Murilo de Carvalho. De acordo com o professor, embora fizesse parte da elite brasileira, José Bonifácio distanciava-se da maioria dela por suas posições reformistas e desenvolvimentistas.

Membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras, Carvalho é graduado em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre e doutor em Ciência Política pela Stanford University e pós-doutor em História da América Latina pela University of London.

A entrevista a seguir foi concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Em *A construção da ordem*, o senhor salienta o papel da elite política, formada nos moldes da ilustração e da educação jurídica portuguesa, como fator crucial para explicar a singularidade da Independência brasileira no contexto latino-americano, essencialmente nas questões relativas à manutenção da unidade territorial e ao sistema político adotado. José Bonifácio pode ser considerado um expoente desse grupo?

José Murilo de Carvalho Sem dúvida. José Bonifácio era um típico representante da geração ilustrada treinada em Coimbra após a reforma pombalina da Universidade.

IHU On-Line - Em que medida sua formação em Coimbra se refletiu na proposta de administração do Estado brasileiro que ele previu para D. Pedro I.?

José Murilo de Carvalho - Em toda a medida. José Bonifácio formou-se em Direito e Ciências Naturais, viajou pela Europa por dez anos tomando pé nos avanços da ciência europeia; assistiu ao cataclismo da Revolução Francesa; ocupou altos cargos na administração

portuguesa sob a proteção de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de quem absorveu a idéia de transferir para a América o centro do império português.

IHU On-Line - Qual é a relação entre José Bonifácio e elite da época?

José Murilo de Carvalho - Embora parte da elite, José Bonifácio distanciava-se da maioria dela por suas posições reformistas e, com perdão do anacronismo, desenvolvimentistas. Suas propostas em relação aos indígenas e à escravidão africana eram muito avançadas para a época, politicamente inviáveis, sobretudo a segunda.

IHU On-Line - Qual era a concepção de Estado e de cidadania para José Bonifácio?

José Murilo de Carvalho - Um estado forte, centralizado e reformista, sem ênfase em participação popular.

IHU On-Line - A Independência do Brasil pode ser considerada uma "fraude", já que a situação socioeconômica do país continuou igual, sendo controlada pela aristocracia?

José Murilo de Carvalho - A guerra de independência norte-americana durou dez anos, matou milhares de pessoas e não aboliu a escravidão. Seria muito pouco realista esperar uma revolução francesa entre nós. Foi um movimento socialmente conservador, apesar dos esforços de José Bonifácio.

IHU On-Line - Como se deu a construção do mito de José Bonifácio e quais são as razões que apontariam para sua preservação no imaginário político brasileiro?

José Murilo de Carvalho - Não há mito de José Bonifácio. Ele mereceu apenas uma pequena estátua muitos anos mais tarde no Largo de S. Francisco no Rio de Janeiro. A tentativa de mitificação se deu em relação a dom Pedro. José Bonifácio tinha muitos inimigos e foi exilado. Os positivistas é que recuperaram seu nome e sua participação. Fizeram justiça. José Bonifácio representou a liderança mais firme e lúcida no processo de Independência. Viu a hora de abandonar o projeto de império luso-brasileiro, e percebeu a necessidade de ampla reforma social para garantir a sobrevivência do novo país como estado-nação.

IHU On-Line - Como tutor de D. Pedro II, o retorno de José Bonifácio ao cenário político foi encarado como uma ameaça à elite política?

José Murilo de Carvalho - Não foi ameaça à elite política. Era ameaça ao grupo vencedor após a abdicação, os liberais moderados, por sua vinculação a D. Pedro I.

IHU On-Line - Como pode ser interpretada a forte oposição à sua permanência e o seu afastamento?

José Murilo de Carvalho - Pela necessidade que tinham os moderados de se afirmarem contra os farroupilhas¹² à esquerda e os caramurus¹³ à direita.

IHU On-Line - A entrada da esquerda no governo atual significa uma quebra de paradigma na história política do País?

José Murilo de Carvalho - Getúlio Vargas, no segundo mandato, e João Goulart¹⁴ tinham propostas de reformas mais profundas do que as do governo atual. O que há de novidade, hoje, é um eleitorado popular mais alerta para seus interesses, mesmo que voltados apenas para políticas assistencialistas. E também uma democracia muito mais estável, sem ameaças de golpes militares e intervenções externas.

¹² **Farroupilhas**: uma das três correntes de pensamento político do período regencial do Império do Brasil, por volta de 1831. Liberais exaltados, eles influenciaram na renúncia de D. Pedro I. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Caramurus**: uma das três correntes de pensamento político do período regencial do Império do Brasil, por volta de 1831. Eram chamados, também, de conservadores ou restauradores, e apoiavam D. Pedro I. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **João Belchior Marques Goulart (1918-1976)**: presidente do Brasil de 1961 a 1964. Seu mandato foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o Brasil, conflitos sociais e greves urbanas e rurais. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e a Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964). Confirma nas Notícias do Dia 27-08-2007, do site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), a entrevista **João Goulart e um projeto de nação interrompido**, realizada com o historiador Oswaldo Munteal. (Nota da *IHU On-Line*)

A luta pelo império luso-brasileiro: equilíbrio e a autonomia

ENTREVISTA COM ISABEL LUSTOSA

A Independência do Brasil não foi desejada “por homens como José Bonifácio”, afirma a professora Isabel Lustosa, em entrevista à IHU On-Line, por e-mail. Ela ressalta que o político “achava que a solução para o Brasil deveria vir do alto, de preferência com ele”. Entre outras afirmações, a pesquisadora destaca que se o Brasil tivesse se tornado sede do império, teriam ocorridos mais incentivos ao comércio, à indústria e às universidades.

Isabel Lustosa é graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e mestre e doutora em Ciência Política, pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). No doutorado, ela produziu a tese Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência, e, em 2003, publicou O nascimento da imprensa brasileira (Jorge Zahar, 2003). Isabel dirigiu a área de pesquisas do Museu da República e atuou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Atualmente, ela é pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, co-editora da re-edição da coleção do primeiro jornal brasileiro, o Correio Braziliense 1808/1822.

Eis a entrevista:

IHU On-Line - Qual foi o papel e a participação da imprensa na Independência do Brasil?

Isabel Lustosa - A imprensa teve papel decisivo no processo de nossa Independência. Desde a publicação do *Correio Braziliense*, em Londres, iniciada em 1808, passando pelos jornais que começaram a ser publicados no Rio em 1821, começaram a se difundir idéias de maior autonomia econômica e política para o Brasil. Depois da Revolução Constitucionalista do Porto (1820) e do início dos trabalhos das Cortes em Lisboa, os debates entre deputados portugueses e brasileiros, repercutiam na imprensa e contribuíam para acirrar os ânimos. Os jornais brasileiros foram fundamentais para que D.

Pedro¹⁵ decidisse pelo Dia do Fico, em 9 de janeiro de 1822 e pela Constituinte Brasileira, em 3 de junho de 1822, etapas que levaram ao 7 de setembro.

15 Dom Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon (1789-1834): filho de D. João VI, D. Pedro I, foi o 29º Rei de Portugal, embora tenha comandado por apenas sete dias. Foi o primeiro imperador do Brasil, governando entre 1822 a 1831. Ele veio para o Brasil, fugido das tropas de Napoleão, em 1807. Em 1818, aos 18 anos, D. Pedro casou-se com arquiduquesa D. Leopoldina. Em 1821, sua família retornou a Portugal, e D. Pedro fica no Brasil como príncipe regente. Ao saber que tinha sido rebaixado da condição regente a delegado das cortes de Lisboa, através de uma carta do então ministro, José Bonifácio, D. Pedro I proferiu o grito do Ipiranga, proclamando a Independência do Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - A Independência do Brasil foi feita ao acaso? Se dependesse de Bonifácio, como esse procedimento teria ocorrido?

Isabel Lustosa - A Independência foi produto de uma série de fatores e da ação de alguns homens. Como um processo que obedeceu às injunções históricas ela não foi planejada. Ela não era sequer desejada por homens como José Bonifácio que tinham o desejo de preservar o grande império luso-brasileiro, mantendo o equilíbrio e a autonomia entre a parte americana e a parte européia desse império. Com o início dos trabalhos das Cortes, ficou claro que não era isso que queriam os portugueses. Insatisfeitos com o grande atraso econômico no qual Portugal mergulhara depois da partida de D. João e vendo esse atraso como causado pela maior autonomia que o Brasil adquirira, desejavam fazer o Brasil voltar ao sistema anterior. Foi a isto que reagiram os brasileiros.

IHU On-Line - Que vantagens o País teria se tivesse se tornado sede de um grande império português, como propunha Bonifácio?

Isabel Lustosa - Certamente, o Brasil teria mais poder na Europa para negociar com outros governos e outros mercados. Seu prestígio também seria maior, pois, mesmo atrasado, Portugal fazia parte da tradição civilizada ocidental e assustava menos que o Brasil com sua enorme população de escravos e índios. Sendo a sede do império, o Brasil teria todas as repartições necessárias para o funcionamento da máquina do Estado, constituiria uma armada e um exército. Seriam estimulados o comércio, a indústria e as universidades em todo o País.

IHU On-Line - É possível vislumbrar progressos para o Brasil atual, no âmbito político, econômico e social, caso o País tivesse se tornado sede do império? O que seria diferente?

Isabel Lustosa - Mais de duzentos anos separam o sonho de um império luso-brasileiro da atualidade. Ele já

existia no tempo de Pombal. A viabilidade da manutenção de um sistema intercontinental com duas partes em equilíbrio me parece improvável. A Independência viria de qualquer maneira, declarada por um ou por outro lado.

IHU On-Line - As idéias liberais de Hipólito da Costa, transmitidas através do *Correio Braziliense*, foram sentidas no cenário político que estava se estabelecendo na época? De que maneira?

Isabel Lustosa - Hipólito¹⁶ chamava a atenção dos brasileiros para a importância das liberdades de imprensa, de religião, de parlamento e de comércio. Ele atacava os monopólios e a subserviência de Portugal à Inglaterra. Ele era contra a escravidão e os monopólios. Suas idéias influenciaram a geração que fez a Independência, mas estavam em contradição com os ideais de muitos dos políticos que participaram daquele movimento.

IHU On-Line - Como a senhora avalia a atividade de Bonifácio à frente de jornais da época?

Isabel Lustosa - José Bonifácio era um autoritário que não acreditava muito nos ideais iluministas que animaram a Revolução Francesa. Ele achava que a solução para o Brasil deveria vir do alto, de preferência com ele. Enquanto esteve à frente do Ministério, José Bonifácio combateu duramente os jornais mais incendiários e comandou na imprensa subsidiada pelo governo campanhas violentas contra seus adversários. Depois de sua saída do ministério, seu grupo publicou um jornal, *O Tamoio*, que atacava duramente os

16 Hipólito da Costa (1774-1823): jornalista, nasceu na Colônia do Sacramento, atual República do Uruguai. Formou-se em Direito e Filosofia na Universidade de Coimbra, em 1789. Fundou, em 1808, o *Correio Braziliense*, considerado o primeiro jornal brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

portugueses que viviam no Brasil e indiretamente a D. Pedro I.

***IHU On-Line* - Em que consistiam essas críticas, principalmente as de D. Pedro I?**

Isabel Lustosa - A campanha antilusitana que agitou o Rio nos meses que antecederam à dissolução da Constituinte, em 12 de novembro de 1823, tinha por alvo os interesses de portugueses do grande comércio estabelecidos no Brasil que, mesmo depois da Independência, ainda estavam muito ligados a Portugal. No entanto, a parte mais fácil de ser atingida pelos ataques eram os militares portugueses que, tendo vindo ao Brasil a serviço de Portugal, aceitaram o convite do governo de se incorporarem ao Exército brasileiro. Foi um episódio envolvendo esses militares - amplamente explorado pela imprensa e no parlamento pelos dois Andrada mais novos, Antonio Carlos e Martim Francisco - o pivô da dissolução.

***IHU On-Line* - Qual é o papel exercido pela Maçonaria na agitação política entre Portugal e Brasil?**

Isabel Lustosa - A Maçonaria foi uma força política de feição internacional que se desdobrava em várias tendências. No Brasil, a tendência predominante era a liderada por Joaquim Gonçalves Ledo¹⁷ e se inspirava nos ideais da Revolução Francesa. Essa tendência adotou um republicanismo disfarçado em monarquismo constitucional e entrou em conflito com José Bonifácio e seu projeto político para o Brasil.

¹⁷ Joaquim Gonçalves Ledo (1781-1847): político e jornalista brasileiro, editor do *Revérbero Constitucional Fluminense*, jornal lançado por ele e por Januário da Cunha Barbosa a 15 de setembro de 1821. Foi um dos promotores do “Dia do Fico”, em 9 de janeiro de 1822. No jornal, combatiam os interesses dinásticos portugueses e reivindicavam a constituição de um governo liberal. Foi ferrenho adversário de José Bonifácio de Andrada e Silva, tanto na Maçonaria quanto na política. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Qual era a ligação de Hipólito da Costa e José Bonifácio com a Maçonaria?**

Isabel Lustosa - Hipólito era maçom desde sua viagem aos Estados Unidos entre 1798 e 1800. Em Portugal, ele chegou a ficar preso por três anos por conta de suas práticas maçônicas (1802 a 1805) e foi graças à Maçonaria que conseguiu escapar e se estabelecer em Londres. Lá, ele se tornou secretário do chefe da Maçonaria inglesa que era o Duque de Sussex e foi maçom até morrer em 1823. Quanto a José Bonifácio, não creio que suas ligações com a Maçonaria ultrapassassem os limites de seus ideais políticos. A criação do Apostolado, uma iniciativa sua, indica claramente que ele tentava se contrapor à enorme influência da Maçonaria de inspiração francesa liderada por Joaquim Gonçalves Ledo.

***IHU On-Line* - O povo brasileiro da época da Independência era constituído de muitos analfabetos. Essa circunstância foi decisiva para que a imprensa não divulgasse notícias a eles? Por que a imprensa da época não disseminava informações para a população, evitando seu envolvimento na luta pelos interesses brasileiros?**

Isabel Lustosa - Apesar de a população ser, em sua maioria composta por analfabetos, havia muitas práticas de leitura em voz alta em ambientes públicos. Não havia qualquer restrição por parte dos que escreviam as notícias com relação ao público leitor. Mas, certamente, havia um grande medo de que os escravos fossem levados a participar do movimento. Neste sentido, sim, mesmo os jornais mais radicais, evitavam o apelo à participação do elemento cativo. Temiam que se reproduzisse aqui o que ocorrera em São Domingos.

Dois perfis de uma mesma trajetória

ENTREVISTA COM ALEX GONÇALVES VARELA

A face naturalista e os interesses políticos de José Bonifácio são indissociáveis, afirma o pesquisador Alex Gonçalves Varela. Na entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail, Varela destaca que para Bonifácio o conhecimento científico também era capaz de gerar riquezas. O historiador ressalta que, na época, as pesquisas eram incentivadas para “promover a industrialização do Reino português”. Assim, a Academia estava “extremamente conectada ao Estado português” e Bonifácio, enquanto funcionário do Império, estava disposto a regenerá-lo. O que mais interessou Bonifácio, segundo o pesquisador, foi a potencialidade econômica dos minerais, pois com esse conhecimento, ele ajudaria “a resolver os graves problemas econômicos que Portugal enfrentava naquele momento”.

Varela é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestre e doutor em Geociências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em 2001, o pesquisador concluiu o mestrado com a dissertação Juro-lhe pela honra de bom vassalo e bom português: filósofo natural e homem público - Uma análise das memórias científicas do ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva (1780-1819). Sua tese de doutorado em Geociências na Unicamp tem o título Atividades Científicas na ‘Bela e Bárbara’ Capitania de São Paulo (1796-1823). É pós-doutor pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), no Rio de Janeiro, onde atualmente é bolsista.

IHU On-Line - Por que o interesse em estudar o lado cientista de Bonifácio? Esse campo ainda é pouco abordado pela historiografia brasileira?

Alex Gonçalves Varela - A razão de estudar o perfil de naturalista de José Bonifácio de Andrada e Silva reside no fato do personagem ter sido explorado pela historiografia a partir da sua atuação enquanto estadista e parlamentar, ou seja, por seu perfil de político. Enquanto isso, o seu perfil de naturalista foi esquecido e pouco explorado pelos estudos sobre o personagem.

IHU On-Line - Qual é o perfil de José Bonifácio enquanto filósofo naturalista?

Alex Gonçalves Varela - O perfil de José Bonifácio enquanto naturalista caracteriza-se como um típico representante da chamada República das Letras. Ele frequentou Academias Científicas, onde apresentou diversas memórias científicas, e realizou viagens científicas pelo Reino português e pela Capitania de São Paulo. Ocupou cargos públicos importantes, como o de Intendente Geral das Minas e Metais do Reino, instituição central para o programa reformista político-científico do

governo de D. Maria I¹⁸ e de produção do conhecimento científico sobre as produções minerais. Foi um estudioso atualizado com as principais correntes científicas da época, sobretudo com a ciência que ele praticava, a mineralogia.

IHU On-Line - Por que o senhor considera que o perfil naturalista e o de homem público de Bonifácio são indissociáveis na história de vida dele?

Alex Gonçalves Varela - José Bonifácio notabilizou-se não apenas como homem público, mas também como um estudioso e pesquisador do mundo natural. Em sua trajetória histórica, a face de naturalista e os interesses políticos são indissociáveis, fato que caracteriza o homem ilustrado do século XVIII. Como exemplo, mencionamos o francês Antoine Laurent Lavoisier¹⁹ (1743-1794), que atuava, ao mesmo tempo, como químico e *Ferme Générale*, coletor de impostos do Antigo Regime francês. Não são duas carreiras diferentes ou sucessivas, mas dois perfis de uma mesma trajetória de vida que não podem ser de forma alguma cindidos: o de estudioso das ciências naturais e o de homem público.

Um cientista vinculado ao Estado Português

No período do governo de D. Maria I, ocorreu uma forte identificação entre ciência e política, ou melhor, entre aqueles que produziam o conhecimento científico e os

¹⁸ **Maria Francisca Isabel Josefa Antônia Gertrudes Rita Joana (1734 - 1816)**: nasceu em Lisboa, e foi rainha de Portugal entre 1777 e 1816, sucedendo seu pai, o rei José I. Maria I também foi Princesa do Brasil e Duquesa de Bragança. Ela ficou conhecida como “A Piedosa”, devido à sua devoção religiosa, e como “A Louca”, devido a uma doença mental que manifestou nos últimos anos de vida. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ **Antoine-Laurent de Lavoisier (1743 - 1794)**: foi um químico francês considerado o criador da química moderna. Foi o primeiro cientista a enunciar o princípio da conservação da matéria. Lavoisier escreveu um Tratado Elementar de Química, assumindo a inspeção nacional das companhias de fabricação de pólvora. (Nota da *IHU On-Line*)

que eram capazes de arremeter apoio e recursos financeiros necessários ao desenvolvimento das ciências. O Estado português arremeter os naturalistas da Academia Real das Ciências de Lisboa, com o intuito de acumular várias tarefas, entre as quais podemos destacar o mapeamento, o diagnóstico, o conhecimento e a orientação de políticas direcionadas ao levantamento das riquezas naturais, ou melhor, das “produções naturais” do território português e de todo o seu Império ultramarino. Esse fato permite observar o quanto a Academia, por meio das suas propostas de caráter científico, estava extremamente conectada ao Estado português.

Como exemplo, temos o caso de arremeteração do naturalista José Bonifácio de Andrada e Silva pelo ministro da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho²⁰, para ocupar uma série de cargos públicos no âmbito da administração das minas e do ensino da Metalurgia e da Docimástica. D. Rodrigo não poupava esforços em financiar uma instituição voltada para a administração das minas, matas e bosques. Essa cooptação dos naturalistas pelo Estado, sobretudo no final do século XVIII, permite observar a valorização daqueles que detinham o conhecimento científico e técnico, sobretudo para dar o seu parecer sobre os mais variados assuntos econômicos/administrativos. Em síntese, isso demonstra o reconhecimento do poder da ciência pelo Estado.

IHU On-Line - O senhor caracteriza Bonifácio como um funcionário fiel do império português. Seus estudos e conhecimento estavam apenas à disposição do

²⁰ **Rodrigo Domingos de Sousa Coutinho (1755 - 1812)**: foi o primeiro Conde de Linhares, militante e político português. Afilhado de Marquês de Pombal, estudou no Colégio dos Nobres e cursou Direito na Universidade de Coimbra. Coutinho foi ministro e secretário de estado da marinha e domínios ultramarinos. (Nota da *IHU On-Line*)

império? Em que medida suas pesquisas contribuíram para a constituição de redes de informações sobre o reino português?

Alex Gonçalves Varela - Sim, na medida em que ele era um funcionário do Império e estava disposto a regenerar esse mesmo Império. Acreditava no potencial da ciência como elemento fundamental para essa regeneração.

No âmbito da Intendência Geral das Minas e Metais do Reino, Bonifácio elaborou diversas memórias científicas e relatou em cartas a D. Rodrigo todas as atividades que vinha executando na instituição. Por meio dessas memórias e cartas, José Bonifácio ajudou a criar e a sustentar uma *rede de informação* que permitiu ao Estado do período da “Viradeira” conhecer, de forma mais aprofundada e precisa, todo o território português, ou seja, reconhecer os limites físicos dessa soberania, bem como as potencialidades econômicas do território administrado. Todas as informações fornecidas pelo naturalista e recebidas pelos dirigentes do Estado deveriam contribuir para o conhecimento global do espaço luso.

Memórias científicas

Os naturalistas luso-americanos que realizaram investigações em História Natural no reino e na colônia, e aí incluído José Bonifácio de Andrada e Silva, trocaram intensa correspondência, tanto com as autoridades de Lisboa como com as autoridades locais. Havia, portanto, no período de final do século XVIII e início do XIX, uma conexão entre os atores que participaram do processo de construção de uma História Natural do Reino e das Colônias, mediada pelas autoridades governamentais coloniais, da Coroa e pelas instituições de investigação portuguesas coordenadas pelo naturalista Domenico Vandelli²¹. De uma forma geral, eram as autoridades

21 Domenico Agostino Vandelli (1735 - 1816): foi um naturalista italiano, que desempenhou papel importante para o desenvolvimento

metropolitanas que enviavam cartas e avisos para os governantes locais solicitando o trabalho dos naturalistas. Esses, por sua vez, comunicavam os resultados de seus trabalhos aos governadores e, muitas vezes, diretamente às autoridades portuguesas. Suas memórias científicas, desenhos e amostras eram enviadas para Lisboa e levadas para as diversas instituições do Reino.

Na Intendência Geral das Minas e Metais do Reino, José Bonifácio construiu uma extensa rede de papel a partir de suas memórias e correspondências com D. Rodrigo. A atividade do Intendente foi de fundamental importância para o mapeamento geológico do território português, levantando os recursos minerais e indicando a localização dos mesmos por cada região que passava. Além disso, informava o estado em que se encontravam as minas, o estágio em que se encontravam as pesquisas mineiras, a análise da importância dos minerais para as atividades econômicas do Reino, entre outras. Registra-se que a maior parte das pesquisas dos veios se deu em busca de ferro e de carvão, dois elementos que adquiriram extrema importância com o advento da Revolução Industrial.

IHU On-Line - No estudo Memória sobre a pesca das baleias e extração do seu azeite, percebe-se as pesquisas de Bonifácio tinham o objetivo de gerar riquezas para Portugal?

Alex Gonçalves Varela - Para Bonifácio, a natureza é fonte de conhecimento científico, mas também capaz de gerar riquezas que poderiam promover a industrialização

da história natural e da química, em Portugal no século XVIII e princípios do século XIX. Vandelli estudou na Universidade de Pádua, onde obteve doutorado em Medicina. Em 1764, foi contratado para ensinar ciências químico-naturais em Lisboa, no Colégio dos Nobres. (Nota da IHU On-Line)

do Reino português e, assim, promover a sua recuperação no contexto europeu.

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação das memórias científicas de Bonifácio?

Alex Gonçalves Varela - Nas Memórias, ganha destaque a tentativa do autor de inventariar o “estado da arte” da mineração em Portugal. Nelas, ele mapeou os problemas existentes na atividade mineradora e apresenta propostas para superar os entraves existentes ao seu desenvolvimento. O filósofo tentou fazer um levantamento extenso e pormenorizado das riquezas minerais presentes no solo português e destacou as potencialidades das mesmas para a nação. A mineração, ao lado da agricultura, constituir-se-ia na base fundamental das riquezas permanentes do Estado luso.

O conjunto de informações presentes nas memórias do naturalista José Bonifácio não se destinava a fins meramente administrativos nem alimentariam uma ciência especulativa ou teórica. O saber científico tinha um caráter eminentemente prático, pois a ciência que ele praticava tinha como fim ser útil. As descrições e amostras de produtos, sobretudo os minerais, que foram recolhidos durante as suas viagens de campo por diversos pontos do território português, destinavam-se não só à inventariação, catalogação e classificação das espécies, ou ao reconhecimento das potencialidades naturais, mas também deveriam contribuir para o desenvolvimento econômico do Reino, para o incremento das indústrias, manufaturas e do comércio, entre outros fatores.

Nas dissertações de Bonifácio, o conjunto de informações científicas estava todo ele baseado na observação e na experimentação. O conhecimento científico, para ele, tinha que ser prático e experimental. A ciência que o entusiasmava era aquela de matriz baconiana, que tinha como função resolver problemas práticos. A essa característica, juntava-se o fato de sempre fazer análises prospectivas em seus

estudos e propor a necessidade de utilizar os recursos naturais de forma planejada e racional, pois eles continham grandes potencialidades econômicas para o Estado português. Dessa forma, pode-se afirmar que o conhecimento científico estava integrado a um programa que, desenvolvido na Intendência das Minas e Metais do Reino e publicado em Memórias na Academia Real das Ciências, tinha repercussões na ciência, na economia e na política.

Memórias mineralógicas

As Memórias elaboradas pelo autor se referiam aos trabalhos práticos concretos, descritos nos menores detalhes. Elas explicitavam como essa política portuguesa de aproveitamento racional dos recursos naturais, sobretudo os minerais, foi efetivada e posta em prática pela Intendência das Minas, órgão estatal dirigido por José Bonifácio, locus de produção de científica. As memórias mineralógicas constituíram-se em verdadeiros estudos analíticos das potencialidades minerais do país, através de exames cuidadosos de detalhes, de trabalhos de campo, de mapeamentos acoplados às informações históricas, obtidas tanto de documentos de arquivos como de ruínas arqueológicas - que, muitas vezes, datavam da ocupação romana do território português ou dos antigos reinados -, outras do conhecimento empírico acumulado pelos lavradores, “rústicos” do local, ou seja, a política da Intendência parecia priorizar as regiões de algum modo já conhecidas sob possibilidades de potencialidades minerais a serem checadas, confirmadas, e mais uma vez exploradas racionalmente e cientificamente.

A quantidade de minerais identificados por José Bonifácio, em seu trabalho na Intendência, vinha ao encontro de uma política estatal que tinha como objetivo a produção mineral. Em função disso, ele examinou as ocorrências de diversos minerais, como o ouro, o chumbo, o ferro, a prata, entre outros.

Quanto à prática científica de José Bonifácio, observamos que ele seguiu o conjunto das práticas científicas mineralógicas no período do final do século XVIII e início do século XIX, inserindo-se em suas correntes principais, tanto pelos termos que empregava como pela sua metodologia de trabalho. Ele preocupava-se em descrever, identificar e classificar os materiais minerais em seu local de ocorrência, dando ao seu trabalho um caráter geográfico, no qual o trabalho de campo adquiria papel essencial.

Uma outra característica da sua prática científica foi a ênfase do naturalista na observação das regularidades permanentes. A prática científica de José Bonifácio, analisada através das suas Memórias, insere-se em uma tradição de pesquisa que buscava relatar as chamadas “regularidades permanentes”. O estudo de tais regularidades, também denominadas de “condições gerais ou constantes” ou “regularidades de disposição”, era uma prática dominante nos estudos geológicos do século XVIII, estando presente nos trabalhos de Buffon²², Louis Bourguet²³, Nicolas Desmarest²⁴, Horace Benedict de Saussure²⁵, Jean-André Deluc²⁶, entre outros. O interesse em identificar e estudar as regularidades refletia o empirismo habitual da época, assim como o desejo de fazer generalizações, de se criar leis no domínio da geologia. Os autores supracitados estavam preocupados em estudar os grandes traços dos

continentes e dos mares, a altura, localização, orientação e a espessura das montanhas, o movimento das águas dos mares e dos rios, a disposição das camadas estratigráficas, os minerais presentes em tais camadas, entre outras regularidades. Cabe ressaltar ainda que nos trabalhos daqueles autores imperava o estudo das regularidades estáticas entendidas como consequência de processo e não com as causas, ou seja, a explicação de como um determinado fenômeno ocorreu.

José Bonifácio enfatizou em suas Memórias as regularidades estáticas, buscando sempre apontar o local das minas, fazer a descrição do terreno, quais os materiais que o formavam, a quantidade de minerais, como estavam contidos nas camadas estratigráficas, a sua cor, forma, tamanho, peso e dureza, se estavam em profundidade ou superfície. Essas são as principais regularidades observadas pelo filósofo em suas dissertações.

Estudos X potencialidades econômicas

O estudioso não se dedicou enfaticamente às reflexões teóricas sobre a formação da crosta terrestre em suas Memórias. O que mais lhe interessava era saber a potencialidade econômica dos minerais, para assim ajudar a resolver os graves problemas econômicos que Portugal enfrentava naquele momento.

Por meio da análise das memórias, José Bonifácio foi um naturalista que se caracterizava por ser eclético e pragmático. O ecletismo e o pragmatismo eram características do pensamento Ilustrado do século XVIII, uma vez que o próprio Voltaire²⁷ afirmava “meu amigo, sempre fui eclético”. E, assim também agia Bonifácio, que bebia em todas as fontes e tirava delas sempre o melhor, deixando de lado aquilo que não considerava de

²² **Georges-Louis Leclerc (conde de Buffon; 1707-1788):** naturalista, matemático e escritor francês. Suas teorias influenciaram duas gerações de naturalistas, entre os quais se contam Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Louis Bourguet (1678-1743):** geólogo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Nicolas Desmarest (1725-1815):** geólogo francês, pioneiro da escola vulcanista. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Horace Bénédict de Saussure (1740-1799):** naturalista e geólogo, era aristocrata. É considerado o fundador do alpinismo. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Jean-André Deluc (1727-1817):** geólogo e meteorologista suíço. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Voltaire (1694-1778):** pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário filosófico*, escrito em 1764. (Nota da *IHU On-Line*)

utilidade imediata. Um exemplo claro desse ecletismo era a utilização pelo autor de diferentes sistemas de classificação dos minerais, como o de Carl von Liné (Linneu)²⁸, o de Wallerius²⁹ e o de Abraham Gottlob Werner³⁰, que lhe permitiu classificar inclusive quatro novos minerais, como já comentamos. A recorrência a diversos sistemas era necessária para que ele pudesse conhecer e identificar os produtos minerais úteis aos interesses da Coroa portuguesa.

IHU On-Line - No campo das ciências e da química, quais são os estudos mais consistentes e relevantes produzidos por Bonifácio?

Alex Gonçalves Varela - Seus estudos mais relevantes foram as memórias científicas (como eram chamados os textos de História Natural no século XVIII), apresentadas à Academia Real das Ciências de Lisboa, sobretudo aquelas no campo da mineralogia. Bastante interessante foi um parecer que ficou manuscrito até os dias contemporâneos, e recentemente publicado na Revista Manguinhos, no campo da química intitulado *Parecer sobre o método de desinfectar as cartas vindas de países estrangeiros*.

IHU On-Line - Depois da Independência, de que maneira os estudos de Bonifácio contribuíram para o crescimento científico/econômico da nova nação?

²⁸ **Carolus Linnaeus** (em português Carlos Lineu e em sueco Carl von Linné; 1707-1778): botânico, zoólogo e médico sueco, criador da nomenclatura binominal e da classificação científica, considerado o pai da taxonomia moderna. Foi um dos fundadores da Academia Real das Ciências da Suécia. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **Johan Gottschalk Wallerius** (1709-1785): químico e mineralogista suíço, considerado o fundador da química agrícola. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Abraham Gottlob Werner** (1749-1817): geólogo e mineralogista alemão, fundador da moderna mineralogia e da geognosia. Os seus trabalhos contribuíram para a separação da geologia e mineralogia em ciências distintas, tendo sido o primeiro cientista a classificar os minerais sistematicamente. (Nota da *IHU On-Line*)

Alex Gonçalves Varela - Infelizmente, após 1823, os seus projetos políticos e científicos para o Brasil foram por água abaixo, sobretudo após a demissão do gabinete dos Andradas e a dissolução da Assembléia Nacional Constituinte pelo Imperador. Eles se tornaram letra morta, não sendo concretizados.

“Somos uma sociedade caracterizada pela brutal concentração da renda”

ENTREVISTA COM MARIA EMILIA PRADO

Falar em reforma agrária, afirma a professora Maria Emilia Prado, “é tocar em um dos temas caros às elites brasileiras”. Ela explica que a concentração fundiária trouxe consigo a centralização do poder político sobre as populações locais.

Embora ainda existam aspectos políticos, econômicos e sociais a serem superados no Brasil, a pesquisadora ressalta que o País avançou, principalmente na economia, conquistando espaço no mercado internacional. Para ela, a distribuição de renda continua sendo o principal problema para os brasileiros. Isso ainda ocorre porque o “processo de urbanização e industrialização não foi grande e intenso o suficiente”.

Na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, a historiadora afirma que o “Estado brasileiro não conseguiu até hoje implementar políticas de geração de renda, emprego, educacional, que contribuíssem, efetivamente, para tornar possível a formação de uma sociedade mais equitativa”.

Maria Emilia Prado é doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo (USP), e pós-doutora em Ciência Política, pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ). Atualmente, é professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Confira a entrevista:

IHU On-Line - Até que ponto as idéias iluministas adquiridas na Europa por José Bonifácio contribuíram para a conquista de Independência do Brasil?

Maria Emilia Prado - As idéias iluministas em si não contribuíram diretamente. Este cenário era caracterizado pela defesa das liberdades - individuais - bem como a liberdade para as áreas coloniais. Mas não é possível desvincular a independência da crise mais geral do sistema colonial. Na verdade, o quadro, como disse, é muito complexo e difícil reduzi-lo a uma ou outra de suas variáveis.

IHU On-Line - Qual foi a influência da elite brasileira na emancipação do Brasil?

Maria Emilia Prado - Não é possível sequer se falar de Brasil e muito menos de elite brasileira. O que havia era a América Portuguesa constituída de partes bastante diferenciadas entre si. Algumas dessas partes queriam se tornar independentes de Portugal, mas não necessariamente para se integrarem entre si. O processo que levou à Independência é bastante complexo e envolveu avanços e recuos. Não é possível esquecer o papel que a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e, mais tarde, o retorno de D. João VI e as

tentativas recolonizadoras das cortes de Lisboa tiveram para o processo de Independência bem como o papel desempenhado por parte da elite política da América Portuguesa que vivia na corte e estabeleceu vínculos com D. Pedro.

IHU On-Line - José Bonifácio acreditava na criação de uma reforma. O que ele propôs?

Maria Emília Prado - Foram dois os pensadores e estadistas que propuseram reformas amplas no século XIX no Brasil: Bonifácio e Nabuco³¹. As reformas preconizavam o fim da escravidão, as reformas agrária e educacional indispensáveis para a construção de um país constituído por uma população integrada.

IHU On-Line - Que analogias são possíveis traçar entre a extinção gradativa da escravidão em relação à inserção dos indígenas e a pretendida civilização?

Maria Emília Prado - Bonifácio defendia a restrição aos grandes latifúndios e incentivava a pequena e média propriedade, defendendo assim a reforma agrária. Sim, ele defendia a necessidade de ser efetivada uma reforma agrária de modo a que os ex-escravos tivessem acesso à propriedade. Mas, no caso de Bonifácio, o mais importante foi sua defesa do fim da escravidão. A reforma agrária seria o segundo movimento natural após o fim da escravidão e indispensável para construção de uma nação moderna.

³¹ Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910): político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Se opôs de maneira veemente à escravidão, contra a qual lutou tanto por meio de suas atividades políticas e quanto de seus escritos. Fez campanha contra a escravidão na Câmara dos Deputados em 1878 e fundou a Sociedade Anti-Escravidão Brasileira, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Desde aquela época, já se pensava numa reforma agrária no Brasil. Por que, até hoje, há entraves na discussão sobre o tema?

Maria Emília Prado - Falar em reforma agrária é tocar em um dos temas caros às elites

brasileiras, porque a concentração fundiária traz consigo a concentração de poder em suas mais diversas expressões: poder político sobre as populações locais que se transforma em fatia importante para acesso ao legislativo ou a cargos no executivo.

IHU On-Line - As propostas reformistas de José Bonifácio, como educação básica para todos, distribuição da terra, a expansão dos direitos reais de cidadania, transcorreram mais de um século sem solução. Isso demonstra que o Brasil continua estagnado e incapaz de resolver seus problemas socioeconômicos?

Maria Emília Prado - Eu abordei essa questão em dois de meus livros: *Memorial das desigualdades*. Os impasses da cidadania no Brasil³² e Joaquim Nabuco: a política como moral e como história³³. O Brasil avançou em muitas coisas, sem dúvida. Nós nos tornamos uma sociedade urbana. De muitos pontos de vista, somos uma sociedade de massa. A economia cresceu enormemente e já ocupamos lugar até mais destacado do que o de hoje no mercado internacional. A questão é que continuamos uma sociedade em que o processo de urbanização e industrialização não foi grande e intenso o suficiente para terem sido capazes de forçar a distribuição de renda. Somos uma sociedade caracterizada pela brutal concentração da renda e da propriedade em toda sua extensão. Como fazer com que as elites concentrem menos renda e menos propriedade? Esta é uma de nossas

³² *Os impasses da cidadania no Brasil (1870-1902)*. Rio de Janeiro: Revan- Faperj, 2005 (Nota da *IHU On-Line*)

³³ *Joaquim Nabuco. A política como moral e como História*. Rio de Janeiro: Editora do Museu da República, 2006 (Nota da *IHU On-Line*)

questões que atravessam dois séculos. O Estado brasileiro não conseguiu até hoje implementar políticas de geração de renda, emprego, educacional etc. que contribuíssem,

efetivamente, para tornar possível a formação de uma sociedade mais eqüitativa.

Bonifácio: um político do Antigo Regime

ENTREVISTA COM CECILIA HELENA LORENZINI DE SALLES OLIVEIRA

De acordo com a pesquisadora Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira, até metade do século XIX, a figura de José Bonifácio não era celebrada, devido à sua forte ligação com D. Pedro. Ela esclarece que a “construção da memória de Bonifácio”, iniciou no momento em que “agremiações republicanas paulistas, em fins do século XIX, buscaram no passado da monarquia personagens que pudessem se contrapor à figura de D. Pedro, interpretado por esses grupos como tirano e déspota”. Assim, associaram a imagem de Bonifácio à defesa da separação de Portugal e à “supressão das heranças coloniais”, explica a historiadora. Outras declarações da professora, podem ser conferidas na entrevista a seguir, realizada por e-mail.

Oliveira é graduada em História, mestre e doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese A astúcia liberal: relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro, 1820/1824. É livre-docente pela USP e atualmente ela coordena o Museu Paulista.

IHU On-Line - De que maneira o Estado monárquico e a nação brasileira se constituíram entre o final do século XVIII e 1840?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - Por meio de processo histórico complexo e errático, que envolveu a sociedade em seu conjunto. Desde os fins do século XVIII, estavam em debate diferentes projetos políticos relacionados à configuração, em primeiro lugar, de um novo Império português. A vinda da Corte, em 1808, e a elevação do Brasil a Reino, em 1815, apontavam para essa possibilidade. Entretanto, pelo menos desde 1817,

com a Revolução em Pernambuco³⁴ e também em Portugal, evidenciaram-se incongruências e incompatibilidade de interesses entre portugueses da América e portugueses da Europa. A separação de Portugal, contudo, não representou a vitória do projeto monárquico, tampouco a hegemonia dos grupos que

³⁴ Revolução Pernambucana: eclodiu em 1817 na então Província de Pernambuco, no Brasil. Dentre as suas causas destacam-se a crise econômica regional, o absolutismo monárquico português e a influência das idéias Iluministas, propagadas pelas sociedades maçônicas. (Nota da IHU On-Line)

defendiam uma proposta política conservadora. Pelo contrário, de 1822 a 1853, podem ser percebidos diferentes embates em torno da definição do novo governo, de quem exerceria o poder e de como a cidadania seria estabelecida. Assim, o Império do Brasil foi resultado de lutas políticas entre setores sociais diferentes (e não apenas os proprietários mais ricos e poderosos como se supõe) em torno de projetos de Estado nacional e de nação.

IHU On-Line - Qual foi a importância da figura de José Bonifácio na conquista da Independência brasileira e na constituição da "nova nação"?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - É importante destacar que, durante a primeira metade do século XIX, a figura de José Bonifácio não foi celebrada, em função, em grande parte, de jamais ter se desligado de D. Pedro, mesmo após a Abdicação, e de representar tradições de Antigo Regime, o que contrariava diferentes setores proprietários que, especialmente, entre 1826 e 1840, lutaram para republicanizar a monarquia. Poder-se-ia considerar sua importância como estrategista que, entre 1821 e 1822, especialmente, conseguiu negociar apoios de lideranças provinciais à separação de Portugal e à opção monárquica liderada por D. Pedro.

IHU On-Line - A participação dele contribuiu para que o processo de Independência no Brasil não passasse por uma revolução, já que ele era conservador?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - A questão é que as mais recentes vertentes interpretativas sobre o período apontam para o entendimento de que o processo de separação de Portugal, bem como a organização de um governo constitucional e representativo, no início do século XIX, teve caráter revolucionário. Representou a configuração de uma nova ordem política liberal que, conforme observado, demandou longo processo de lutas

entre diferentes setores sociais que não concordavam com o perfil de Estado e de nação sinalizado pelo governo de D. Pedro e pela Carta de 1824. Assim, se a atuação de Bonifácio foi conservadora, não impediu o desencadeamento da revolução que teve em 1822 um primeiro momento, mas que se desdobrou na Abdicação e depois na Maioridade.

IHU On-Line - Podemos descrever José Bonifácio como um homem de discurso liberal e prática conservadora?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - Bonifácio, tal como os demais políticos na época, não estava isento de contradições. Entretanto, a questão é que Bonifácio era um político do Antigo Regime - atuou 36 anos na Europa como alto funcionário da monarquia portuguesa. Seria muito simplista contrapor liberal/conservador, pois são termos que podem carregar qualquer conteúdo. Era um homem preparado, culto. Percebeu com clareza que a monarquia de Antigo Regime não se sustentava e que havia conquistas da Revolução que não podiam ser desprezadas. Buscou organizar propostas que articulassem essas dimensões, tendo como pano de fundo o modo pelo qual interpretava a sociedade colonial e o jogo de forças em 1821/1822.

IHU On-Line - Como se deu a construção do mito de José Bonifácio e quais as razões que apontariam para sua preservação no imaginário político brasileiro?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - A construção da memória de Bonifácio deu-se, curiosamente, no momento em que as agremiações republicanas paulistas, em fins do século XIX, buscaram no passado da monarquia personagens que pudessem se contrapor à figura de D. Pedro, interpretado por esses grupos como tirano e déspota. Em Tiradentes projetaram ideais republicanos nos fins do século XVIII; em Bonifácio, a defesa da separação de Portugal e a supressão das

heranças coloniais, por meio dos escritos em que apontou propostas reformistas no tocante aos índios, à escravidão e à distribuição da terra. Mas essas qualificações são interpretações, idealizações da história, que justificavam as lutas e campanhas republicanas.

IHU On-Line - Bonifácio foi autor de muitas propostas reformistas, e criou uma lei obrigando o reflorestamento de áreas desmatadas. Essas ações revelam que ele já previa os problemas futuros, relacionados ao meio ambiente?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - Não. Não é possível lançar para o passado questões que se delinearão muito mais recentemente. Ocorre que, no início do século XIX, as propostas atinentes à exploração dos recursos naturais - de Bonifácio e de outros políticos - visavam à modernização da produção e a perspectiva da economia brasileira concorrer no mercado internacional. Isso implicava olhar para os recursos naturais de modo a que pudessem ser explorados, mas não dizimados. Ponto essencial é a produção de açúcar: desde o século XVIII, discutia-se a adoção de medidas que evitassem o desmatamento das áreas próximas aos engenhos, com o uso do bagaço da cana no lugar da madeira para o cozimento da garapa.

IHU On-Line - O Patriarca da Independência defendia também a educação livre. Pensando na conjuntura política, econômica e social atual, as idéias de Bonifácio ainda são consideradas uma idealização

distante para a população brasileira?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - Seria simplificado demais entender as propostas de Bonifácio a partir das condições atuais. Mesmo defendendo a educação livre, seu objetivo era o de que a educação pudesse disciplinar e incutir hábitos de trabalho em contingentes de população vistos por ele como vadios e indolentes.

IHU On-Line - Sobre o cultivo e a produção em pequenas e médias propriedades, Bonifácio incentivava a redistribuição de terras. Suas idéias sobre a reforma agrária brasileira continuam sendo uma utopia no contexto atual?

Cecília Helena Lorenzini de Salles Oliveira - Nas propostas de Bonifácio (e que não eram apenas dele) no tocante à distribuição da terra estavam implicadas duas situações: a crítica ao sistema de sesmarias e a crítica às condições de vida e de educação de contingentes de população livre, vista como indolente e improdutivo. O objetivo seria defender a legalização da propriedade da terra (e não a posse como era comum na época) e a organização de propriedades para os que efetivamente estavam dispostos a produzir para o mercado. Lembro que, na época, o latifúndio ainda não era predominante. A produção agrícola estava assentada em grande parte em mosaico de pequenas e médias propriedades, como sugere a bibliografia mais recente, o que auxilia a rever o mito de Bonifácio como precursor de “reforma agrária”.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

A Vale é nossa. O plebiscito popular e a pouca participação da CUT e da UNE

ENTREVISTA COM PAULO PASSARINHO

O economista e apresentador do programa Faixa Livre, transmitido pela Band AM, Paulo Passarinho, conversou por telefone com a equipe da IHU On-Line na semana passada, a respeito do plebiscito sobre a anulação do leilão da Vale do Rio Doce.

Passarinho defende a anulação da venda da empresa e afirma que ela é fundamental para a constituição de um novo projeto de desenvolvimento para o País. “A Vale do Rio Doce pode ajudar o Estado brasileiro a potencializar o seu papel de dirigente para um novo projeto nacional de desenvolvimento que garanta soberania ao Brasil e, ao mesmo tempo, melhores condições de vida para a população brasileira”, destacou. Em entrevista especial à IHU On-Line, Passarinho criticou a não participação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e da União Nacional dos Estudantes (UNE), no plebiscito. A campanha A Vale é nossa ocorre entre os dias 1º a 9 de setembro, em todo o País. A expectativa dos organizadores é conseguir 10 milhões de votos no plebiscito. O IHU, em parceria com o DCE, está participando, na Unisinos, do plebiscito. Urnas estarão disponíveis em ambos locais.

IHU On-Line - Qual é o seu engajamento com a campanha de reestatização da Vale do Rio Doce³⁵?

³⁵ Vale do Rio Doce: o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, tem dado ampla cobertura sobre o plebiscito sobre a anulação do leilão da Vale do Rio Doce e a campanha de reestatização da empresa. Confira as entrevistas especiais realizadas pela equipe da IHU On-Line: “O leilão da vale não foi ético, dizia D. Luciano Mendes de Almeida”, com Dom Pedro Luiz Stringhini, publicada em 03-09-2007; Plebiscito sobre a anulação do leilão de privatização da Vale do Rio Doce, com Marcos Arruda, publicada no dia 08-08-2007; Vale do Rio Doce. “O plebiscito quer incentivar a retomada dos processos que advogam a anulação do leilão”, com Dom Demétrio Valentini, de 09-08-2007; e A Vale do Rio Doce e o neoliberalismo no Brasil, com Ivo Lesbaupin, de 13-08-2007. (Nota da IHU On-Line)

Paulo Passarinho - O meu engajamento vem se dando, principalmente, através do programa de rádio que eu apresento, e que trata dos problemas brasileiros. Mesmo vinculado a uma emissora comercial aqui do Rio, a Bandeirantes, ele é mantido a rigor por um conjunto de associações, sindicatos, entidades profissionais. Esse programa entrou no ar em 1994 e, desde então, se constitui no que chamamos de trincheira radiofônica contra a ofensiva liberal que naquele ano se acentuou no nosso país. Nós avaliamos que o projeto liberal foi muito atabalhado com o Collor e ficou em uma espécie de impasse no governo de Itamar Franco. Contudo, naquele momento - com a eleição do Fernando Henrique -, o

projeto da direita ganhava maior consistência e maior capacidade de desestruturar o País. A partir daí, portanto, alugamos um horário na rádio e mantemos o programa no ar, todas as manhãs, de segunda a sexta-feira. Ele tem o nome de Faixa Livre, é uma frente de expressão e manifestação da esquerda, e está também disponível na Internet, no endereço www.programafaixalivre.org.br

Atuamos dentro de uma ótica de lutar pela ampliação da democracia, do ponto de vista da participação popular; lutar por um novo país, em termos sociais e econômicos, e pela defesa da soberania do Brasil, enquanto nação. Os povos de todo o mundo não terão condições de reagir à ofensiva que o capital hoje desenvolve, sem que uma forte resistência se constitua a partir de cada país.

A partir dessa ótica é que nós estamos atuando na campanha do plebiscito. Divulgando não só os aspectos operacionais e funcionais da campanha, mas especialmente esclarecendo e discutindo com a população as questões que dizem respeito ao Estado brasileiro. Trata-se de um Estado privatizado, dirigido em muitos aspectos de fora para dentro do País, totalmente eficaz para a agudização do processo de acumulação capitalista das grandes corporações empresariais, especialmente ligadas ao setor financeiro, e inteiramente incapaz e irresponsável para responder às necessidades da imensa maioria do povo brasileiro.

Além disso, enquanto vice-presidente do Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro, tenho participado de debates sobre as questões envolvidas no Plebiscito.

IHU On-Line - Por que a Vale deve ser reestatizada?

Paulo Passarinho - Em primeiro lugar, defendemos que a Vale fique sob comando do Estado, pelo caráter estratégico que essa empresa tem. Por que o caráter dela é estratégico? Porque ela foi uma empresa criada,

especificamente, para potencializar toda a capacidade do País em torno de elementos que são fundamentais para o nosso desenvolvimento: os minérios. Assim, ela é uma empresa que domina e possui jazidas muito ricas de minerais, possui um estoque de terras importantíssimo, uma rede de logística envolvendo ferrovias, portos. Nesse sentido, ela é uma companhia que tem capacidade de articular de maneira importante, outros setores econômicos. Então, por essas razões, nós achamos um equívoco transferi-la das mãos do Estado para a iniciativa privada, num momento, inclusive, muito grave da nossa história, onde existe um processo de internacionalização da própria economia brasileira de maneira intensa. Então, manter a empresa sob o controle do Estado, significa também preservá-la de associações empresariais, inclusive do comando estrangeiro.

Um novo Estado

Agora, quando nós defendemos que a Vale esteja a cargo do Estado, cabe discutir o tipo de Estado que temos. Eu não quero passar nenhuma ilusão em relação ao papel que a própria Vale do Rio Doce exerceu na época da ditadura militar. Na ocasião, ela servia muito mais para articular interesses privados do que interesses públicos, que dizem respeito ao conjunto da sociedade brasileira.

O que nós queremos também com a reestatização da empresa é uma transformação do Estado, pois ele é muito voltado e eficaz quando se trata de atender aos interesses corporativos e empresariais. O governo, quando se volta para as necessidades da nossa imensa população, especialmente a pobre, ele se mostra extremamente ineficaz. Ao mesmo tempo, nós temos muitos exemplos de intervenções do governo, que demonstram uma capacidade de resposta muito rápida e dinâmica. Uma prova disso foi o esforço realizado conjuntamente pelas esferas da União e do Estado do Rio de Janeiro, na realização recentemente dos jogos Pan-

Americanos, numa cidade em que a carência de alguns serviços básicos é notória. Em função disso, na época da campanha de constituição dos jogos no Rio de Janeiro, foram estabelecidos vários compromissos. Com a realização das atividades esportivas, seriam feitas obras na cidade, englobando o campo da habitação, do transporte público, por exemplo, de modo a responder essas lacunas e deixar um saldo para a cidade carioca. Qual foi o resultado que tivemos? O Estado demonstrou muita agilidade e capacidade de gastos para viabilizar todos os projetos concernentes aos jogos. E o saldo, em termos da chamada agenda social do Pan-Americano, não foi contemplado. Por isso, eu digo que o Estado brasileiro é eficaz quando diz respeito aos interesses de grupos privados, fortes politicamente e economicamente. No entanto, é extremamente ineficaz quando diz respeito à necessidade de responder as questões da nossa população.

IHU On-Line - A reestatização da Vale pode contribuir para que o Brasil crie um projeto de desenvolvimento consistente, obtendo um crescimento econômico para a União, e conseqüentemente trazer benefícios para a população? De que maneira?

Paulo Passarinho - A Vale é fundamental para o povo, dentro de um novo projeto de desenvolvimento, onde as questões relativas a geração de emprego, crescimento econômico, e a distribuição de renda e riqueza passem a ser as prioridades desse novo Estado que precisamos construir no Brasil. A Vale do Rio Doce pode ajudar o Estado brasileiro a potencializar o seu papel de dirigente para um novo projeto nacional de desenvolvimento que garanta soberania ao Brasil e, ao mesmo tempo, melhores condições de vida para a população brasileira, levando em conta as necessidades de emprego, de crescimento econômico e de distribuição de renda e riqueza.

IHU On-Line - Por que a campanha para a reestatização não ocorreu antes? Que motivos conduzem os movimentos sociais a se mobilizarem pela anulação do leilão, dez anos após a venda da Companhia?

Paulo Passarinho - No momento em que o governo Fernando Henrique tentou privatizar a Vale, houve um fortíssimo movimento de resistência que culminou com manifestações importantes por ocasião do leilão. Nesse período, mais de cem ações foram impetradas na Justiça e reunidas na Comarca de Belém do Pará, por decisão da própria Justiça. Recentemente, uma juíza de Brasília concedeu parecer favorável para a Justiça realizar uma revisão de toda a avaliação dos ativos da empresa que serviram de base para a definição e fixação do preço mínimo do leilão. Esse precedente foi importante, porque isso abre objetivamente a possibilidade da Justiça decretar a anulação do ato de venda da empresa.

IHU On-Line - O Governo FHC recebe muitas críticas pela privatização da Vale. Como deveria, frente a essas mobilizações para a anulação do leilão, ser a posição do governo?

Paulo Passarinho - Boa parte daquelas pessoas que integram o governo atual tiveram um papel muito destacado nessa luta de resistência da venda da Vale do Rio Doce. O Governo Lula, hoje, pode incentivar politicamente a participação dos movimentos sociais na luta de resistência. Mas isso nem é mais tão importante nessa altura do campeonato. Caso o governo fosse coerente, ele orientaria, enquanto executivo, uma mudança de posição de advocacia geral da União. A advocacia que hoje defende a União, procurando defender a lisura do processo de venda da Vale, poderia mudar de posição e passar a concordar com os argumentos que questionam a venda da Companhia. O mínimo de coerência do Governo Lula exigiria isso.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a divulgação do plebiscito nos meios de comunicação?

Paulo Passarinho - Muito fraca. Não temos acompanhado, dentro dos mais importantes veículos de comunicação do País, e principalmente as redes nacionais de televisão, a relevância que o assunto merece, sob o ponto de vista do interesse nacional. Essas atitudes mostram o caráter faccioso da grande imprensa no Brasil. Num momento em que se discute a questão da liberdade de imprensa, fica claro que essa liberdade de imprensa está condicionada aos interesses do grande capital.

IHU On-Line - E como o senhor percebe a atitude da empresa, que se utiliza de publicidade televisiva em horário nobre para contrapor à campanha e mostrar seu vínculo com o Brasil e o meio ambiente?

Paulo Passarinho - Trata-se de uma contra-propaganda, uma tentativa de resposta institucional do eventual crescimento do movimento que contesta essa venda criminosa da Vale para grupos privados. Eles estão partindo para uma contra-ofensiva, procurando destacar uma chamada política de responsabilidade social da empresa, que nós sabemos que é questionada pelos próprios trabalhadores. Eles são submetidos a péssimas condições de trabalho, quem infelizmente, o mundo do trabalho vem sofrendo de forma assídua no Brasil.

Meio ambiente

Um dos aspectos mais graves que a Vale acaba incorrendo é nas agressões ao meio ambiente. Hoje, em vários estados em que a Companhia possui instalações, os trabalhadores reclamam da maneira como a empresa atua, prejudicando populações que se vêem vulneráveis à agressiva política da empresa.

IHU On-Line - A campanha do plebiscito da Vale tem conseguido despertar a consciência do povo brasileiro sobre a importância da empresa para o País?

Paulo Passarinho - Eu vou ser sincero. A campanha atual do plebiscito está carecendo de uma adesão mais firme por parte de vários setores que já estiveram engajados em outros plebiscitos populares. Particularmente, posso citar o caso da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a União Nacional dos Estudantes (UNE), que, embora formalmente estejam engajados na campanha do plebiscito no tocante da Vale do Rio Doce, estão omitindo as três outras questões fundamentais do plebiscito. Essas perguntas refletem sobre o endividamento do Estado brasileiro, o processo de tarifas residenciais de tarifa elétrica e os processos de contra-reforma da previdência.

O próprio engajamento dessas entidades na campanha da Vale deixa muito a desejar, na medida em que os seus militantes não têm despendido a mesma prioridade a essa frente de luta que já foi objeto, em outras ocasiões, de um envolvimento muito mais forte por parte dessas entidades. O que tenho a destacar é que o esforço é muito grande, mas há uma fratura na unidade do movimento, seja em termos de todas as unidades aceitarem o conjunto das quatro perguntas formuladas, como o próprio engajamento direto na campanha.

IHU On-Line - A resistência em divulgar as outras três perguntas que compõem o plebiscito pode ser atribuída ao fato dos movimentos sociais não quererem criticar o governo?

Paulo Passarinho - Essas entidades não querem ajudar o povo brasileiro a ter percepção que os problemas relativos à forma como o Brasil vem sendo governado são a rigor de uma natureza estratégica em relação ao conjunto das ações do governo. Os equívocos do atual governo não estão relacionados, necessariamente, a uma não revisão do processo de privatização. Estão

relacionadas, sim, às opções de política econômica, que se manifesta naturalmente na continuidade do processo criminoso de endividamento do Estado brasileiro, se manifesta na não revisão de toda a desestruturação que o Governo FHC promoveu no setor elétrico brasileiro e no comprometimento de o Governo Lula em avançar no processo de retirada de direitos dos trabalhadores na área da previdência social pública. Então, quando as direções da UNE e da CUT omitem essas três questões, parece que eles pretendem quebrar essa possibilidade de se estabelecer um entendimento global dos equívocos do próprio governo Lula. Quando eles isolam o problema da Vale do Rio Doce desses outros aspectos, demonstram muito bem que em pleno governo de Lula, as privatizações continuam. Mostrar esses aspectos não interessam a essas direções que, hoje, se colocam muito subordinadas ao Governo Lula.

IHU On-Line - O que o Brasil pode ganhar e, pensando em questões financeiras, lucrar com a reestatização da Vale do Rio Doce?

Paulo Passarinho - Em primeiro lugar, anular um processo de venda que foi ridículo no seu preço, levando em conta os ativos da Petrobras. A Vale foi vendida por R\$ 3,3 bilhões, e gera, atualmente, lucros semestrais astronômicos. Em segundo lugar, voltar a ter o controle do estoque de terras, jazidas, da malha de ferrovias que a empresa dispõe e que hoje opera de forma monopolista, e especialmente, poder enquadrar a Vale dentro deste esforço de mudar o Estado brasileiro e o modelo de desenvolvimento que nós temos.

IHU On-Line - Atualmente, o patrimônio da Vale está avaliado em mais de 200 bilhões de reais, com faturamento de mais de 70 bilhões de reais. O que esse valor significaria para o Brasil, caso a empresa fosse totalmente estatal?

Paulo Passarinho - O mais importante não seria o valor em si, mas a capacidade de articulação da corporação Vale do Rio Doce com outros setores econômicos. A empresa poderia colocar sua malha ferroviária a serviço de um processo muito mais amplo de integração de segmentos produtivos, de integração regional do País. Seria possível também aproveitar a sinergia que a empresa tem com outros setores para poder alavancar e criar melhores condições para esse novo de funcionamento da economia brasileira.

IHU On-Line - Quais são as expectativas para a semana de votação?

Paulo Passarinho - A expectativa é aumentar o grau de conhecimento de parcelas da população brasileira com relação aos nossos problemas, e a importância da Vale. Esperamos que, principalmente, isso venha a se manifestar no comparecimento expressivo de brasileiros às urnas do plebiscito popular. Essa atitude funcionaria como um instrumento de pressão política sobre o Governo Lula, extremamente importante, para sensibilizá-lo para uma mudança em relação ao processo de privatização que o Estado brasileiro sofreu nos anos 1990.

IHU On-Line - Se as votações pela anulação do leilão forem positivas, qual será o próximo passo para reestatizar a empresa?

Paulo Passarinho - O próximo passo é fazer valer os processos que estão na Justiça e que inclusive hoje abre a oportunidade de uma revisão legal e formal daquele preço mínimo que foi estabelecido em 1997.

IHU On-Line - De que maneira os votos conseguirão influenciar na decisão final? Se a Vale for reestatizada, quando isso irá ocorrer? Há previsões?

Paulo Passarinho - Os votos demonstrarão que a população está sensibilizada pela questão da Vale, e

lutando pela sua reestatização através da decretação da Justiça, pela anulação do leilão. A decisão vai depender

da Justiça. Nossa esperança é que a luta no campo jurídico venha resultar em uma vitória.

Teologia Pública

A noite escura de Madre Teresa de Calcutá

ENTREVISTA COM LUIS GONZÁLEZ-QUEVEDO

“Madre Teresa, como toda pessoa que tem uma fé forte, tirava forças da própria fé. Só quem tem uma fé vigorosa pode experimentar uma crise tão forte e duradoura”, afirma Luis González-Quevedo, em entrevista especial para a IHU On-Line, comentando o livro com as cartas espirituais de Madre Teresa de Calcutá e amplamente comentadas nesta página. Veja no final da entrevista a relação.

Segundo o padre Quevedo, “quem diz ter ‘perdido a fé’, por qualquer decepção religiosa ou contra-testemunho da Igreja, na verdade, tinha uma fé muito fraca. Karl Marx nunca teve ‘crise de fé’. Estava tão convencido de que a questão religiosa tinha sido resolvida, definitivamente, pelos filósofos materialistas que o precederam, que nunca teve a menor dúvida religiosa. Os santos, sim, tiveram dúvidas e sofreram crises de fé. Santa Teresinha de Lisieux escreveu: “Não sinto o gozo da fé, mas me esforço por praticar as obras da fé”. Foi o que fez Madre Teresa ao longo de toda sua vida.

Luis González-Quevedo é padre jesuíta, membro do Centro de Espiritualidade Inaciana - CEI-Itaici, orientador dos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola e redator da revista Itaici-Revista de Espiritualidade Inaciana. É autor também de uma série de livros sobre espiritualidade inaciana.

IHU On-Line - A imagem pública de Madre Teresa que mais ganhou força até recentemente é a de uma mulher de fé, um modelo de entrega de si, de doação até o extremo, mas não se conheciam suas crises de fé. O que traz de novo para sua imagem esta revelação de suas crises de fé?

Luis González-Quevedo - Eu já tinha lido, em algum texto de Raniero Cantalamessa³⁶, que Madre Teresa³⁷

³⁶ Raniero Cantalamessa: Franciscano capuchinho ordenado sacerdote em 1958. Doutor em teologia e literatura foi professor de história das origens cristãs na Universidade Católica de Milão e diretor do Instituto de Ciências Religiosas. Foi membro da Comissão Teológica

nunca experimentara a “consolação espiritual” na sua vida de oração. Isso só fez aumentar a minha admiração por ela. Porque orar, quando encontramos gosto, alegria e paz, é fácil. Mas orar, quando não se encontra nisso o menor gosto, quando o coração está seco e a mente é assaltada por pensamentos contrários à própria fé, é muito mais difícil e meritório.

Por “fé” entendemos uma confiança amorosa a respeito de realidades que não se podem ver, nem verificar cientificamente (Deus, a vida eterna, a

Internacional de 1975 a 1981. Em 1977, deixou o ensino acadêmico para dedicar-se inteiramente ao serviço da Palavra de Deus. Em 1980, foi nomeado Pregador da Casa Pontifícia. Por causa dessa missão, pregou, todos os anos, em cada semana, durante a Quaresma e o Advento na presença do Papa e dos cardeais e dos bispos da Cúria Romana e dos superiores das ordens religiosas. Publicou muitos livros de espiritualidade que foram traduzidos em diversas línguas. Entre os mais recentes, destacam-se *Contemplando a trindade* (São Paulo: Edições Loyola, 2004); *A Eucaristia nossa santificação* (São Paulo: Paulus Editora, 2005)); e *Páscoa. Uma passagem para aquilo que não passa* (São Paulo: Paulinas, 2006). (Nota da *IHU On-Line*)

37 Madre Teresa de Calcutá (1910-1997): Seu verdadeiro nome é Agnes Gonxha Bojaxhiu. Nasceu na República da Macedônia e foi naturalizada indiana. Beatificada pela Igreja Católica, foi considerada a missionária do século XX, por concretizar o projeto de apoiar e recuperar os desprotegidos na Índia. Começou a sua atividade reunindo algumas crianças, a quem começou a ensinar o alfabeto e as regras de higiene. A sua tarefa diária centrava-se na angariação de donativos e na difusão da palavra de alento e de confiança em Deus. Partiu para a Índia em 1931, para a cidade de Darjeeling, onde fez o noviciado no colégio das Irmãs de Loreto. No dia 24 de maio de 1931, fez a profissão religiosa, e emitiu os votos temporários de pobreza, castidade e obediência tomando o nome de “Teresa”. A origem da escolha deste nome residiu no fato de ser em honra à francesa Teresa de Lisieux, padroeira das missionárias, canonizada em 1927 e conhecida como Santa Teresinha. De Darjeeling passou para Calcutá, onde exerceu, durante os anos 30 e 40, a docência em Geografia no colégio bengalês de Sta Mary, também pertencente à congregação de Nossa Senhora do Loreto. Impressionada com os problemas sociais da Índia, que se refletiam nas condições de vida das crianças, mulheres e velhos que viviam na rua e em absoluta miséria, fez a profissão perpétua a 24 de maio de 1937. Com a partida do colégio, tirou um curso rápido de enfermagem que veio a tornar-se um pilar fundamental da sua tarefa no mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

presença de Cristo na Eucaristia etc.). Num mundo que supervaloriza a ciência, é inevitável que toda pessoa que tenha fé passe por momentos ou períodos de “crise de fé”. O que parece novo, no caso de Madre Teresa, é que esta “crise” tenha sido tão constante e duradoura.

IHU On-Line - Como entender o vigor de Madre Teresa no seu testemunho de bondade no agir apostólico, em meio a tal crise de fé e experiência de solidão? De onde tirava sua força em meio a uma experiência tão profunda de vazio interior?

Luis González-Quevedo - Eu diria que Madre Teresa, como toda pessoa que tem uma fé forte, tirava forças da própria fé. Só quem tem uma fé vigorosa pode experimentar uma crise tão forte e duradoura. Quem diz ter “perdido a fé”, por qualquer decepção religiosa ou contra-testemunho da Igreja, na verdade, tinha uma fé muito fraca. Karl Marx nunca teve “crise de fé”. Estava tão convencido de que a questão religiosa tinha sido resolvida, definitivamente, pelos filósofos materialistas que o precederam, que nunca teve a menor dúvida religiosa. Os santos, sim, tiveram dúvidas e sofreram crises de fé. Santa Teresinha de Lisieux³⁸ escreveu: “Não sinto o gozo da fé, mas me esforço por praticar as obras da fé”. Foi o que, ao parecer, fez Madre Teresa ao longo de toda sua vida.

IHU On-Line - Seria possível confrontar-se tão de perto com a realidade da miséria e do sofrimento

38 Teresinha de Lisieux (1873-1897): Religiosa carmelita francesa e doutora da Igreja. É também conhecida como Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, ou, popularmente, Santa Teresinha. Quase ao completar catorze anos, no Natal de 1886, Teresa passa por uma experiência que chamou de “Noite da minha conversão”. Ao voltar da missa e procurar seus presentes, percebe que seu pai se aborrece por ela apresentar comportamento infantil. A menina decide então renunciar à infância e toma o acontecido como um sinal inspirador de força e coragem para o porvir. (Nota da *IHU On-Line*)

injusto sem levantar dúvidas sobre Deus? Que aproximações e distanciamentos existem entre a experiência de Teresa de Calcutá e a questão de Deus na Teologia da Libertação?

Luis González-Quevedo - É sabido que na Índia, onde tenho uma irmã religiosa, coexistem a miséria extrema e um alto desenvolvimento tecnológico. Há muitas tensões políticas, sociais e religiosas, mas o Ocidente pós-cristão olha para o Oriente como um foco de espiritualidade: ex oriens, lux (a luz vem do Oriente). Madre Teresa foi à Índia como missionária e, muito provavelmente, os pobres a evangelizaram.

Por outra parte, não há dúvida de que uma das possíveis causas do ateísmo, do agnosticismo ou da indiferença religiosa seja o escândalo da persistente situação de injustiça social, precisamente nas sociedades onde a religião está mais estendida. Oscar Niemayer atribui a isso seu agnosticismo. Mas a mesma realidade injusta da nossa América Latina é o pressuposto sociológico que deu origem e continua alimentando a Teologia da Libertação. Para esta corrente teológica, Deus é, sobretudo, o Libertador, aquele que vê a opressão do povo e ouve o clamor dos oprimidos (Ex 3,7).

A injustiça está aí, escancarada diante dos nossos olhos. A reação diante dela pode ser diversa, mesmo entre pessoas que tenham a mesma fé. Tive um companheiro, Fernando Hoyos³⁹, que, movido por sua fé, morreu lutando ao lado dos guerrilheiros, na Guatemala. Madre Teresa, movida também por sua fé, dedicou toda sua vida a aliviar o sofrimento dos mais pobres entre os pobres.

³⁹ **Fernando Hoyos (1943-1982)**: Nascido na Galícia, região localizada ao leste da Ucrânia e ao sul da Polônia, foi missionário jesuíta, evangelizador e educador entre os camponeses indígenas da Guatemala. Incorporado à luta guerrilheira, morreu em uma emboscada do exército. Está dentro do martirologio latino-americano. (Nota da *IHU On-line*)

Muitos teólogos na América Latina buscam uma interpretação da Bíblia e da tradição cristã que ajude a “gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus, que come com publicanos e pecadores (cf. Lc 5,29-32), que acolhe os pequenos e as crianças (cf. Mc 10,13-16), que cura os leprosos (cf. Mc 1,40-45) que perdoa e liberta a mulher pecadora (cf. Lc 7,36-49; Jo 8,1-11), que fala com a Samaritana (cf. Jo 4,1-26)”. Encontro este texto não nas obras de Gustavo Gutierrez⁴⁰ ou de Jon Sobrino⁴¹, mas no Documento de Aparecida⁴² (n. 135).

⁴⁰ **Gustavo Gutiérrez (1928)**: padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ **Jon Sobrino**: filósofo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teología Concilium. A respeito de Sobrino, confira a

Sei que a nossa Teologia da Libertação ganhou muitas simpatias, tanto na Ásia, como na África, mas duvido que Madre Teresa tivesse entusiasmo por ela. Tenho a impressão de que ela preferiria posições teológicas mais tradicionais. Graças a Deus, Madre Teresa nunca escreveu - que eu saiba - um artigo teológico, porque correria o risco de decepcionar muitos dos seus admiradores.

IHU On-Line - O caminho de crescimento espiritual de pessoas como João da Cruz, Thomas Merton, Teresa de Ávila, Teresa de Lisieux e Inácio de Loyola⁴³ também é marcado por crises de fé. O que há de comum entre estas experiências? Que relação há entre a “noite escura” dos grandes místicos e o tema da “desolação” de Inácio de Loyola?

ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas Notícias do Dia, bem como o artigo A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da IHU On-Line, de 28-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² O assunto foi abordado na edição de número 224 da revista IHU On-Line, publicada no dia 20 de junho de 2007, sob o título **Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência**. O conteúdo também está disponível em www.unisinos.br/ihuonline. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **Inácio de Loyola**: Quando tinha 30 anos, Inácio de Loyola, ao empenhar-se na defesa de Pamplona, é ferido nas pernas por uma bala durante o cerco francês à cidade, em 20 de maio de 1521. Submetido a várias cirurgias, ocupa-se durante o longo reestabelecimento no castelo de Loyola, com a leitura de história de Santos e “Uma vida de Cristo”. Este seria para ele o princípio de um mergulho profundo. Inácio vai aos poucos trocando a imaginação dos feitos dos cavaleiros, pelas realizações dos santos, assimilando seus propósitos de vida e se identificando cada vez mais com eles. Tão logo sentiu-se recuperado das cirurgias, Inácio de Loyola foi ao santuário de Nossa Senhora de Monserrate, próximo a Barcelona, para depositar suas armas diante do altar e assumir definitivamente a função de “soldado de Cristo”. Já despojado de todos os seus bens, esmolando e rezando, passou um ano em um lugarejo chamado Manresa, fazendo penitência, para atingir a purificação. (Nota do *IHU On-Line*)

Luis González-Quevedo - A “noite escura”, da qual falam os místicos carmelitanos, e a “desolação espiritual”, da terminologia inaciana coincidem em apontar o lado sombrio e áspero da fé. Há, no entanto, aspectos ou ênfases que permitem diferenciar os dois conceitos. Para São João da Cruz⁴⁴, a noite escura é necessária, para purificar a nossa sensibilidade e crescer no verdadeiro amor, que consiste em “despojar-se e despir-se, por Deus, de tudo o que não é Deus”. Já Santo Inácio enfatiza que, na desolação, somos guiados e aconselhados pelo “mau espírito”, como ele chama à força do mal. Por isso, quando estamos desolados, não devemos tomar decisões, antes permanecer firmes, resistindo e reagindo contra as tentações.

Todos os místicos coincidem em dizer que a experiência de Deus é inefável, tanto nos seus aspectos positivos (“consolação”, “paz que supera todo sentido”, “sumo saber, não sabendo, toda ciência transcendendo”...), como nos seus aspectos negativos (“desolação”, “noite escura”, “deserto”, saudade imensa de um Deus sempre oculto e silencioso). Permito-me citar o que escrevi em outra ocasião:

“A saudade de Deus, que sua aparente ausência produz em nós, alimenta e fortalece a nossa fé. A “desolação” inaciana, como a “noite” carmelitana, torna-se convite à maturidade espiritual, desafio para crescermos na busca infindável do Deus transcendente, esse Deus sempre maior do que a nossa mente e o nosso coração são capazes de imaginar e desejar” (Experiência de Deus: presença e saudade. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, Col. “Leituras e Releituras”, n. 2, p. 55).

⁴⁴ **São João da Cruz (1542-1591)**: frade carmelita espanhol, famoso por suas poesias místicas. Doutorou-se em teologia mística e fundou a ordem das Carmelitas Descalças, com Santa Teresa de Ávila. Seu dia é comemorado em 24 de novembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002) (Nota da *IHU On-Line*)

Aproveito para sugerir que a Unisinos traduza o último discurso de Karl Rahner⁴⁵, falecido em 1984. Tem por título: “Von der Unbegreiflichkeit Gottes” (Sobre a inefabilidade de Deus) e foi publicado pela editora Herder, com prólogo de Karl Lehmann⁴⁶.

IHU On-Line - Que paralelo se pode fazer entre a experiência destas pessoas e o que se passou com Madre Teresa? Sua experiência de “vazio interior” e

⁴⁵ **Karl Rahner (1904-2004)**: importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*, 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens (Curso fundamental da Fé)*, em 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner e a edição 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da IHU On-Line)

⁴⁶ **Karl Lehmann**: importante teólogo alemão, atualmente cardeal-arcebispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, escreveu um artigo sobre Kant que a IHU On-Line traduziu e publicou na 93ª edição, de 22 de março de 2004. O Instituto Humanitas Unisinos também traduziu e publicou o artigo *O Cristianismo - Uma religião entre outras? Um subsídio para o Diálogo Inter-religioso - na perspectiva católica*, de autoria de Karl Lehmann. O artigo foi publicado em *Multitextos*, no. 1, outubro de 2003. (Nota da IHU On-Line)

“aridez espiritual” seria uma expressão moderna ou pós-moderna dos temas já clássicos da “noite escura” ou da desolação na mística cristã?

Luis González-Quevedo - Sendo “inefável” a experiência de Deus, tanto nos seus aspectos positivos como nos aparentemente negativos, podemos empregar termos ou expressões diversas para tentar descrevê-la. A expressão “vazio interior” parece-me muito atual. Na minha experiência de padre e orientador de Exercícios Espirituais, escuto-a com freqüência: “Tudo o que faço dá certo - dizia alguém -, mas nada me preenche”. Aqui, haveria que distinguir um “vazio” superficial (o tédio dos personagens burgueses dos filmes de Antonioni⁴⁷, por exemplo), de um vazio mais profundo e positivo, o “vazio” dos místicos, a “solidão sonora”, onde Deus se esconde, porque encontra espaço de escuta. Sem dúvida, o vazio que a Madre Teresa experimentou tão longamente na sua vida não era um vazio superficial.

IHU On-Line - Qual é a importância do legado espiritual de Madre Teresa para nossos dias? Que lições podemos aprender de sua experiência?

Luis González-Quevedo - Não conheço suficientemente a vida e a obra de Madre Teresa, mas, pelo que sei dela, considero-a uma figura admirável. Num século tão complexo como o século passado, deixou-nos um belo testemunho de amor a Deus e ao próximo,

⁴⁷ **Michelangelo Antonioni (1912-2007)**: Cineasta italiano. Gradou-se em Economia na Universidade de Bolonha, na Itália, e estudou no Centro Sperimentale di Cinematografia, na Cinecittá, complexo de teatros e estúdios localizados na periferia oriental de Roma. Seu primeiro grande sucesso foi *L'avventura* (1960) seguido por *La Notte* (1961) e *L'eclisse* (1962), que compreendem uma trilogia sobre o tema da alienação. Os filmes mais notáveis de Antonioni mostravam a elite e a burguesia urbana, além de descrever personagens ricos como pessoas vazias e sem alma. Em 1985, sofreu um acidente vascular cerebral que o deixou parcialmente paralisado e impossibilitado de falar. Sua carreira terminou em 2004, aos 92 anos, com o filme *Eros*. (Nota da IHU On-Line)

de compaixão pelos últimos - “os mais pobres entre os pobres” -, de capacidade de conquistar a boa vontade de pessoas muito diversas, para diminuir o sofrimento dos excluídos em todo o mundo. Se o prêmio Nobel da Paz, inicialmente, lhe deu notoriedade, ela acabou dando prestígio ao prêmio que recebera.

Só a vi uma vez. Estávamos em uma celebração, na basílica de São Pedro. Ela ocupava o banco diante do meu, por pouco tempo. Logo mais, veio um senhor do protocolo e a convidou a ir mais para a frente. E eu fiquei lá, atrás, satisfeito de ter visto uma humilde celebridade da nossa Igreja e do mundo contemporâneo. Ela foi amada por ricos e pobres, de qualquer religião e tendência política. Uma rara unanimidade.

IHU On-Line - Como o senhor orienta ou orientaria pessoas que vivenciam hoje uma experiência de crise de fé e silêncio de Deus?

Luis González-Quevedo - O primeiro é acolher com sincero afeto a pessoa, na sua singularidade. Os exemplos dos santos e de outras pessoas que passaram por crises semelhantes podem ajudar. Mas cada situação é única e, de certa forma, irrepetível. Valorizo a abertura, a coragem de verbalizar as dúvidas e tentações. “Tentação declarada, tentação superada”, dizia um Doutor da Igreja. Pelo menos, ao ser partilhada, a tentação diminui, tornando-se mais suportável. Toda a tradição cristã recomenda a abertura de consciência com alguém da nossa confiança.

Em segundo lugar, animo a pessoa a olhar os aspectos positivos de sua situação. Quem está em “crise de fé” está vivo... e tem fé! Quem sofre com o “silêncio de Deus” é porque acredita Nele, tem saudade Dele, porque

o ama e busca Sua Palavra, muito além da inutilidade do nosso discurso. Fazer um Retiro em silêncio, com o acompanhamento de uma pessoa que conheça a metodologia inaciana, seria uma boa opção, desde que a pessoa não esteja em estado de depressão psicológica. As Regras de “discernimento dos espíritos” ajudam os desolados a compreender melhor sua situação, a ter paciência e perseverar. a “vivenciar com serenidade as aparentes ausências de Deus; a inevitável alternância entre presença e ausência, consolação e desolação, palavra e silêncio, luz e trevas, companhia e solidão, plenitude e vazio, gozo e aridez, terra fértil e deserto...” (Copio de uma pessoa que está experimentando a crise).

Sem deixar de levar a sério as crises das pessoas, costumo convidá-las a olhar a vida e sua própria situação com mais humor. O nosso povo diz: “o que não tem remédio, remediado está”., “a esperança é a última que morre”, “pobre vive de teimoso” etc. Um poeta italiano, combatente na Primeira Guerra Mundial, escreveu: “Anche questa notte passerà” (Ungaretti, “Noia”, poema do livro A alegria - L’allegria). A longa noite da Madre Teresa de Calcutá passou e com a nota máxima, magna cum laude! Eu a admiro e a invejo.

Para saber mais, confira a versão eletrônica da revista *IHU On-Line*, acessando www.unisinos.br/ihuonline. Neste endereço, estarão relacionados links referentes às castas que revelam dúvidas de Madre Teresa sobre sua fé em Deus, seus tormentos, seu legado e seus seguidores, além de outros aspectos de sua vida.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 27-08-2007 A 02-09-2007

João Goulart e um projeto de nação interrompido.

Oswaldo Munteal, consultor da Faps

Confira nas *Notícias do Dia* 27-08-2007

O professor Oswaldo Munteal fala sobre o livro que ajudou a organizar, intitulado *O Brasil de João Goulart: um projeto de nação* (Editora Contraponto, 2006). Nele, afirma que o projeto de nação de Jango foi interrompido pelo golpe militar. Analisa, ainda, o governo Lula e o compara com o de FHC.

A MPB em debate.

Santuza Cambraia Naves, socióloga

Confira nas *Notícias do Dia* 28-08-2007

Santuza Cambraia Naves, organizadora do livro *MPB em discussão - Entrevistas* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006), fala sobre a Música Popular Brasileira, que, para ela, ainda hoje continua forte, criativa, chamando a atenção, tanto interna quanto externamente. Na entrevista, Santuza aborda o projeto nacional-popular e a sua contribuição para a MPB

A necessidade de um projeto nacional.

Ricardo Chagas Amorim, economista

Confira nas *Notícias do Dia* 29-08-2007

Analisando o impacto da implantação do projeto neoliberal no Brasil, nas últimas décadas, o economista Ricardo Amorim, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, aponta para a necessidade de um projeto nacional.

'Nunca foi tão difícil ser sindicalista como nesse momento'. Entrevista especial com Anselmo Ruoso
Anselmo Ruoso, sindicalista

Confira nas *Notícias do Dia* 30-08-2007

A crise que o movimento sindical vive reproduz uma crise maior que é a do conjunto da sociedade. A opinião é de Anselmo Ruoso, presidente do Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina. Para o sindicalista, a nova geração de trabalhadores é fruto de um processo construído em uma época de formação neoliberal.

Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida

Rafael Haddock-Lobo, filósofo

Confira nas *Notícias do Dia* 31-08-2007

Rafael Haddock-Lobo fala da relação entre Lévinas, Heidegger e Husserl e, ainda, da influência de Lévinas sobre a obra de Derrida. Lobo é autor de *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas*.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS *NOTÍCIAS DO DIA* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

“Chávez não é um inimigo da religião”

Juan José Tamayo, teólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 27-08-2007

Para o teólogo Juan José Tamayo, em artigo publicado no sítio *Periodista Digital*, 25-08-2007, Hugo Chávez não pode ser considerado inimigo da religião e menos ainda da Igreja Católica, como querem apresentá-lo os hierárquicos eclesiásticos venezuelanos.

TV digital. 'Falta esforço público em debater a questão'

Marcelo Zuffo, professor

Confira nas *Notícias do Dia* 27-08-2007

Um dos membros do grupo de estudos da implementação da TV digital, o professor da Universidade de São Paulo, Marcelo Zuffo, julga importante haver regras para as gravações do conteúdo em alta definição. Segundo ele, em entrevista publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, 27-08-2007, falta esforço público em debater a questão.

Quando ela me contou da escuridão da sua alma. Um testemunho

Joaquin Navarro-Valls, jornalista

Confira nas *Notícias do Dia* 27-08-2007

O jornalista Joaquin Navarro-Valls, escreve um artigo sobre Madre Teresa de Calcutá, publicado no jornal italiano *La Repubblica*, 26-08-2007, sob o título “Quando ela me contou da escuridão da sua alma”.

“Descobri aquele segredo há dez anos - ajudou-me a entender sua grandeza”.

Irmã Nirmala, herdeira de Madre Teresa

Confira nas *Notícias do Dia* 27-08-2007

Em entrevista publicada no jornal *La Repubblica*, 26-08-2007, a irmã Nirmala Joshi fala sobre o conteúdo das

cartas escritas por Madre Teresa de Calcutá que revelam a sua ‘noite escura’.

Os propósitos reais

Janio de Freitas, jornalista

Confira nas *Notícias do Dia* 28-08-2007

Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 28-08-2007, o jornalista e colunista da Folha, Janio de Freitas pergunta sobre quais seriam as finalidades reais a que se destinava o esquema acionado pela cúpula do PT.

“Eu, no inferno de Darfur. Nunca mais aos genocídios”.

Mia Farrow, atriz

Confira nas *Notícias do Dia* 29-08-2007

A atriz Mia Farrow, testemunha da UNICEF, na sétima viagem à região do Darfur, narra, em artigo publicado pelo jornal *La Repubblica*, 28-08-2007, o drama de milhares de refugiados, esperando por ajuda.

“A corrupção é um tempero do capitalismo. O problema é quando ela se torna o prato principal”.

Francisco de Oliveira, sociólogo

Confira nas *Notícias do Dia* 29-08-2007

Em entrevista publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, 29-08-2007, o sociólogo Francisco de Oliveira avalia o enquadramento dos principais líderes do mensalão em crimes de corrupção ativa e formação de quadrilha. Ele também ironiza os governistas e seus apoiadores, que ainda duvidam da existência do mensalão.

O Ártico, a nova fronteira na mira das grandes potências em busca de petróleo e gás

Jeremy Rifkin

Confira nas *Notícias do Dia* 31-08-2007

“Se restava alguma dúvida sobre o quanto estamos mal preparados para enfrentar a mudança climática, esta desapareceu neste mês quando dois mini-submarinos russos submergiram a três quilômetros de profundidade em meio ao gelo do Ártico, até chegar ao fundo do oceano”, diz Jeremy Rifkin. O fato de a Rússia ter enviado uma expedição ao fundo do mar no Ártico está

provocando uma nova “corrida ao ouro” que, desta vez, implica numa nova fronteira geográfica, no caso o Ártico, com tudo o que isso implica em termos de inacessibilidade. O artigo foi publicado no *Clarín*, 29-08-2007.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

Pão de Açúcar

“Todo mundo sabe que eu apóio esse governo” - Abilio Diniz, empresário do Pão de Açúcar, explicando porque nunca foi convidado para aderir ao movimento ‘Cansei’” - *Folha de S. Paulo*, 28-08-2007.

Neoliberalismo

“A privatização do setor elétrico foi a mais porca de todas” - Maria da Conceição Tavares, economista - *Valor*, 29-08-2007.

“Só tivemos neoliberalismo no governo Dutra, um período rápido na gestão Campos-Bulhões e, infelizmente nos oito anos do Fernando Henrique Cardoso, quando levamos uma desarrumação brutal do capitalismo, mas que não chegou a destruir nada significativo da nossa indústria, só nossos sonhos de um Brasil independente” - Maria da Conceição Tavares, economista - *Valor*, 29-08-2007.

José Dirceu

“Está suficientemente demonstrado na denúncia que José Dirceu seria o mentor, chefe incontestável do

grupo, a pessoa a quem todos os demais prestavam deferência. Para mim, é o bastante” - Joaquim Barbosa, ministro-relator do STF - *Folha de S. Paulo*, 29-08-2007.

“Venho sendo pré-julgado em praça pública, acusado, denunciado e agora sou réu por corrupção ativa e formação de quadrilha. Reitero o que sempre afirmei: tive o mandato cassado sem provas e agora sou réu também sem provas. Quero ser julgado o mais rapidamente possível para provar minha inocência. Não posso aceitar que a condição de réu seja eternizada e que venha uma prescrição por mim totalmente indesejada. Sou inocente e vou provar isso no julgamento a que quero ser logo submetido” - José Dirceu, ex-ministro Chefe da Casa Civil - *Folha de S. Paulo*, 29-08-2007.

“Nós decidimos tecnicamente, mas não podemos negar que a ambiência psicossocial favoreceu um compromisso ainda mais forte com as exigências éticas” - Carlos Ayres Britto, ministro do STF - *Folha de S. Paulo*, 03-09-2007.

Krishnamurti

“Vou dizer uma coisa que, diante de uma platéia de

acadêmicos, seria interpretado como um recibo de anticientificidade. Faço meditação oriental há 13 anos e aprendi com os místicos mais acatados, como Buda, Cristo, são Francisco de Assis e, mais recentemente, Krishnamurti e Osho” - Carlos Ayres Britto, ministro do STF - *Folha de S. Paulo*, 03-09-2007.

Direitos

“O que não podemos é retirar os direitos. Não contem comigo para tirar direitos do trabalhador” - Carlos Lupi, ministro do Trabalho - *Zero Hora*, 02-09-2007.

2010

“O PT não ter candidatura própria em 2010 é abandonar o queijo com a faca na mão” - Carlos Zarattini, deputado federal (PT-SP) sobre colegas de partido, incluindo Lula, que não querem antecipar o debate sobre sucessão presidencial a fim de evitar atritos com partidos da base aliada - *Folha de S. Paulo*, 02-09-2007.

“Não podemos ter atitude arrogante e a quase três anos da eleição começar a afirmar que o PT vai ter candidato” - Humberto Costa, ex-ministro da Saúde do governo Lula - *Valor*, 03-09-2007.

Socialismo

“Como a gente debate socialismo e cogita Antonio Palocci para presidir o partido?” - militante petista no 3º

Congresso Nacional do PT - *Folha de S. Paulo*, 02-09-2007.

Investimentos

“Os investimentos do Brasil nos Estados Unidos cresceram 300% no ano passado” - Clifford Sobel, embaixador dos EUA no Brasil - *Veja*, desta semana.

Sarkozy de Santa Maria

“Nelson Jobim é chamado de tucano por petistas, de adesista por alguns tucanos e de quinta-coluna por outros” - Igor Gielow, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 03-09-2007.

“O ministro (Nelson Jobim) se porta como um Nicolas Sarkozy de Santa Maria” - Igor Gielow, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 03-09-2007.

“Em menos de um mês, implodiu a Anac, obtive os trocados que os militares pediam, inspecionou até bebedor de aeroporto e deu palpite sobre poltrona de avião. De quebra, arrumou tempo para emplacar um indicado no Supremo, espezinhar o rival Tarso Genro e visitar o enrolado amigo Renan Calheiros” - Igor Gielow, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 03-09-2007.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU -
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 04-09-2007

***Os últimos passos de um homem*, de Tim Robbins (1992) - cuidando do (in)cuidável**

Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e Cuidador: os vários sentidos dessa relação

Esp. Susana Rocca - Unisinos

Horário: das 8h30min às 12h

Local: Sala 1G 119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Realidade dos/as trabalhadores/as - do Vale dos Sinos ao Brasil

Conversas - O mundo do trabalho e a vida dos/das trabalhadores/as

Horário: 19h30min às 21h30min.

Local: Sala 1G 119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 06-09-2007

Exibição do filme *O cárcere e a rua*, de Liliana Sulzbach (Longa-metragem/ Documentário - 80 min), e *Três minutos*, de Ana Luiza Azevedo (curta metragem/ 06 min). Local:

Auditório

Cinema BR em Movimento - Setembro/2007

Prof. Dr. Álvaro Filipe Oxley da Rocha

Local: Centro 4

Dia 06-09-2007

Exibição do filme *Crime delicado*, de Beto Brant (Longa-metragem /Drama-87min), e *Interlúdio*, de Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil (curta-metragem/08min)

Cinema BR em Movimento - Setembro/2007

Local: Auditório Central

Dia 10-09-2007

Os componentes do amor e a satisfação com o relacionamento conjugal

Encontros de Ética

Prof. Dr. Maycoln Leôni Martins Teodoro - UNISINOS

Os últimos passos de um homem, de Tim

Robbins (1992)

CINEMA E SAÚDE COLETIVA II - CUIDADO E CUIDADOR: OS VÁRIOS SENTIDOS DESSA RELAÇÃO

Para a psicóloga Susana Rocca, a trama apresentada no filme Os últimos passos de um homem, de Tim Robbins (1992), “traz à tona a discussão sobre a igualdade e dignidade de todo ser humano, questionando preconceitos”. Segundo ela, o filme mostra que “só o perdão liberta”. As afirmações foram feitas na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line. O tema será aprofundado nesta terça-feira, 04-09-2007, no evento Cinema e Saúde Coletiva II - Cuidado e cuidador: os vários sentidos dessa relação, com a exibição dessa obra cinematográfica.

Graduada em Psicologia pela Universidade Católica do Uruguai, Rocca é especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pela Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo. Nessa mesma instituição, cursa mestrado em Teologia Prática, com o tema Resiliência e espiritualidade. É colaboradora do Instituto Humanitas Unisinos - IHU no Atendimento Espiritual, além de responsável pela organização do evento Encontros de ética. Há 24 anos, segue a vida religiosa na congregação das Missionárias do Cristo Ressuscitado. É uma das organizadoras da obra Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado, que em breve será publicado pela editora Sinodal.

Resiliência e cuidado

ENTREVISTA COM SUSANA ROCCA

IHU On-Line - Que sentido pode haver em cuidar do “incuidável”, ou seja, de uma pessoa cuidar de um homicida condenado à morte?

Susana Rocca - O filme resgata a dignidade de todo ser humano, até mesmo daquele que, aos olhos da sociedade e da justiça, seria impensável de considerar merecedor de cuidados, visto que no caso do protagonista trata-se de alguém que matou um casal de jovens inocentes, tendo estuprado antes a garota. A trama traz à tona a

discussão sobre a igualdade e a dignidade de todo ser humano, questionando preconceitos. Em mais de uma oportunidade, aparece o questionamento dos motivos que levam a religiosa a cuidar do condenado. Tendo feito na sua juventude uma escolha pela vida religiosa comprometida com os mais pobres, decide cuidar de um condenado à morte como resposta a um convencimento evangélico: todo ser humano tem dignidade. Esse grande desafio não dependeu da inocência ou não do condenado, pois, mesmo sabendo de pelo menos sua cumplicidade,

ela continuou acompanhando-o. Simplesmente, sentiu-se tocada por tratar-se de um pedido de ajuda de quem se diz pobre, sem dinheiro para contratar um bom advogado e sem sequer a visita dos familiares.

A sensibilidade e a compaixão pela solidão do prisioneiro é um dos motivos humanitários para ela agir. Mas, por trás desse motivo, ela tem uma clara motivação transcendente, e aí estava seu sentido mais profundo de cuidar de alguém que, aos olhos de muitos, é um “incuidável”. Para ela, conforme suas crenças religiosas, mesmo sendo um criminoso, ele é digno de cuidado, pois é um filho de Deus.

IHU On-Line - De que forma o elemento espiritual da relação entre a freira e o condenado fortalece seus últimos dias de vida?

Susana Rocca - O argumento apresenta a controvérsia que implica ser cristão. Aparece a postura de um cristianismo centrado só na justiça, na retaliação, na lei do Talião: “olho por olho, dente por dente”, assim como uma visão reducionista da fé, como se a única coisa que interessa é a salvação da alma e esta, alcançada mediante o rito, o sacramento. A figura da religiosa vai muito além. Ela encarna a idéia de salvação, libertação e saúde como dimensões integrais e integradas no ser humano. Por isso, ela assume o cuidado dele, preocupando-se com todas as dimensões: história, vínculos, família, direitos como cidadão (recursos judiciais, roupa, enterro etc.). Fica claro que seu compromisso cristão se baseia na gratuidade no amor, a compaixão (entendida como um colocar-se junto de quem padece), com um objetivo claro: a libertação pelo menos interior do condenado. Libertação que só passaria pelo reconhecimento de sua falta e pelo pedido de perdão. Essa meta não foi fácil de alcançar, o processo foi difícil e, por vezes, como na vida real, lento, no qual não há certeza de que se chegará, ou não, à meta. A perseverança na busca de uma saúde interior e a

presença amorosa, incondicional, constante da cuidadora, encontram um terceiro elemento-chave: a busca de sentido para a sua vida e para a sua morte. O processo de encontro consigo mesmo, que leva o condenado a encontrar uma “saída”, uma perspectiva, vai se fazendo mediante o diálogo com a irmã e através dos ensinamentos de Jesus na Bíblia. Assim, consegue assumir as suas próprias dores, frustrações e culpas, à medida em que se sente escutado e desafiado a aceitar a realidade com verdade. Aí encontra saúde interior, liberdade de consciência e sentido, como se insinua no desfecho do filme. Diríamos que ele foi acompanhado a se encontrar com a sua história e delitos, com alguém que lhe acompanhou a reconhecer-se nos seus erros, mas, sem, por isso, marginalizá-lo, condená-lo. O cuidado e a companhia incondicional que a irmã teve com o criminoso como pessoa não podem ser confundidos com uma aceitação ingênua dos comportamentos injustos e delitivos do protagonista. Por isso mesmo, ela não muda sua atitude quando confirma que esse homem foi autor dos crimes. O processo de “cura interior” só acontece quando ele consegue entender que é preciso reconhecer sua culpa, e que “a verdade o torna livre”. Eis, então, quando consegue mudar a postura de ódio aos que querem matá-lo em pedido de perdão antes de morrer.

IHU On-Line - Que conexões entre resiliência e cuidar essa pessoa “incuidável” é possível fazermos? Por quê?

Susana Rocca - O tema da resiliência é a capacidade de resistir e re-fazer-se após situações adversas, é a capacidade de superar situações traumáticas e continuar-se projetando no futuro. A partir do filme, há vários nexos que poderíamos fazer, se quisermos pensar as contribuições da resiliência para analisar esta e tantas outras relações de cuidado. Em primeiro lugar, a resiliência é uma capacidade que, de menor ou maior

forma, todo ser humano tem. Até poderíamos pensar também de quem pode parecer não ter, ou não querer cura, e, por isso, não mereceria ser cuidado/curado. As pesquisas constataam que nenhum ser humano é capaz de superar situações traumáticas absolutamente sozinho. Sempre há pessoas significativas que colaboram para que cada ser humano possa superar melhor as situações adversas. Podem ser familiares, amigos e até pessoas desconhecidas que, em determinado momento do caminhar, resultam ser significativas. São figuras capazes de aceitar, acolher, escutar a pessoa fragilizada, como fez a religiosa. Boris Cyrulnik¹, um psiquiatra, neurologista e etnólogo francês, que com seis anos de idade fugiu de um campo de concentração, após a morte dos pais e irmãos, diz que existem pessoas chaves que podem ser consideradas “tutores de resiliência”. Caracterizam-se pelo apoio incondicional à pessoa sendo também capazes de colocar limites. Não se trata de paternalismos, pois fomentam a autonomia e o protagonismo da pessoa enfraquecida. O cuidador ou cuidadora, sob a ótica da resiliência, é alguém que está junto, suscitando a aceitação de si, a auto-estima, fomentando a reflexão e o encontro consigo mesmo, a assunção das próprias responsabilidades e limites, o projeto de vida. A promoção da resiliência também depende das redes de apoio social.

A irmã Helen busca o encontro e o apoio da família, de advogados, do bispo, de outra religiosa etc. O isolamento e a separação dos vínculos aumentam os fatores de risco. No filme, o contato físico está bem restrito, até na hora da morte, em que nem a mãe pode sequer se despedir com um abraço. A força e o carinho, passados através do toque, só são permitidos à cuidadora, que é autorizada a apoiar sua mão no ombro do protagonista na hora dos seus “últimos passos”. O isolamento opera também como

¹ Boris Cyrulnik: médico, etnólogo, neurologista e psiquiatra francês. Junto com Edgar Morin escreveu *Diálogo sobre a natureza humana* (Lisboa: Instituto Piaget, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

uma forma de controle. Um ponto-chave nas relações de cuidado é a relação de empatia entre o cuidador e quem é cuidado. Apesar de todas as grandes diferenças de mentalidade e de opção de vida do prisioneiro e da religiosa, ela faz todo o possível para ganhar a sua confiança, para entendê-lo e para encurtar as distâncias. Para isso, criativamente encontra algo em comum: “nós dois moramos com os pobres”. A criatividade para resolver situações difíceis, a iniciativa e o senso de humor são características próprias das pessoas resilientes, vislumbradas no papel da religiosa. No caso, tanto poderia analisar-se as capacidades resilientes da Irmã Helen quanto as suas capacidades como promotora de resiliência de quem ela cuida. Além dos medos normais suscitados por uma situação desconhecida, perigosa e difícil, ela precisa superar outras dificuldades. Por exemplo, diante de diferentes situações e pessoas que a desafiam. Ela também é ameaçada pelo estigma social à medida que lida com um culpado, o distanciamento das crianças, as críticas da sua família e dos familiares das vítimas. A religiosa, uma mulher lúcida e perseverante, não desiste no seu objetivo, apesar das dificuldades que se apresentam. Não foge da realidade, a assume e encara com uma visão realista e otimista, própria de um olhar resiliente. Sente-se desafiada a assumir o cuidado das pessoas numa perspectiva de esperança sabendo com tudo que as escolhas são feitas por pessoas na liberdade da sua consciência.

IHU On-Line - Pensando em nossa sociedade contemporânea e em sua dificuldade em perdoar e compreender o outro, qual é o ensinamento que os últimos passos de um homem pode oferecer?

Susana Rocca - O filme traz o debate sobre até que ponto a pena de morte “resolve” ou não a temática do ódio e da violência, que até, infelizmente, às vezes aparece justificada até com razões religiosas.

Pessoalmente, creio que a superação da violência não pode ser feita com a mesma arma da violência. Creio que a vida é um valor que está acima de todos os valores. E é preciso cuidar para que o ódio, até às vezes muito compreensível que apareça, diante das situações extremas de injustiça como a morte dos inocentes, não possa ter a última palavra. *Os últimos passos de um homem* mostra que só o perdão liberta. O perdão que brota da pessoa que erra e por isso pede perdão, e o perdão que brota daquele que, sofrendo injustamente, luta para superar sua dor, mas é capaz de não fechar-se na mágoa e na dor da ferida, e de perdoar, como se apresenta no dilema do pai que não consegue perdoar. Stefan Vanistendael¹ e outros pesquisadores sobre

¹ Stefan Vanistendael: sociólogo belga, estudioso do tema resiliência. (Nota da *IHU On-Line*)

resiliência estudam as implicações éticas do conceito, pois, sob a ótica da resiliência, é preciso considerar dois ângulos: o bem-estar próprio e o bem-estar dos outros. Nesse sentido, as tentativas de superar as dificuldades que impliquem agressão, violência ou outros danos a terceiros não poderiam ser consideradas atitudes resilientes, mesmo se ajudam a superar a própria situação traumática. O filme traz também o questionamento ético presente nos debates sobre resiliência. Pois, sob esta ótica, crenças religiosas que fomentam a violência e a exclusão não podem ser consideradas promotoras de resiliência.

Os componentes do amor e a satisfação com o relacionamento conjugal

ENCONTROS DE ÉTICA

“Uma análise da satisfação com o relacionamento indica que grande parte dos seus componentes está relacionada à comunicação do casal e à demonstração da afetividade. Dizer que um casal precisa saber se comunicar para ser feliz parece extremamente óbvio. Entretanto, esta é uma das causas mais comuns de problemas conjugais. A boa comunicação é importante para a resolução de problemas e para o planejamento familiar, evitando o aparecimento dos conflitos conjugais”, disse o psicólogo Maycoln Leôni Martins Teodoro, professor da Unisinos, na entrevista a seguir, que concedeu por e-mail à IHU On-Line. A discussão acontece nos Encontros de Ética de 10-09-2007.

*Teodoro é graduado em psicologia e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com doutorado em Psicologia da Família e do Desenvolvimento com a tese Untersuchung zu familiären Beziehungen unter verschiedenen Perspektiven und Kontexten. *Cursou pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É autor de Kognitive Repräsentationen familiärer Beziehungen. Methodenkritische Untersuchungen zu Kohäsion und Hierarchie**

innerhalb des familiären Systems (Hamburg: Verlag Dr. Kovac, 2005) e um dos organizadores de Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares (Belo Horizonte: Editora Health, 2000).

Comunicação entre o casal, elemento imprescindível

ENTREVISTA COM MAYCOLN LEÔNİ MARTINS TEODORO

IHU On-Line - Quais são os principais componentes que envolvem amor e satisfação com o relacionamento conjugal?

Maycoln Leôni Martins Teodoro - É importante deixar claro que o estudo das dimensões psicológicas se baseia em modelos teóricos que selecionam somente as principais características de cada construto. Esta estratégia de investigação é importante para evitarmos um número demasiadamente grande de componentes explicativos. No caso do amor, existem diversas teorias que vêm sendo desenvolvidas nas últimas três décadas. A principal delas é a Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986, 1988) que divide este sentimento em três componentes: a intimidade, a decisão/compromisso e a paixão. A intimidade é caracterizada pelo sentimento de proximidade, afetividade e conexão no relacionamento. A decisão/compromisso refere-se à vontade de manter o relacionamento em longo prazo, oferecendo suporte, fidelidade, consideração e devoção. É a certeza de amar e ser amado. Finalmente, a paixão é o componente responsável pela atração física e sexual, pelo romance e o desejo de estar juntos. A experiência da paixão é composta pelo romantismo e pela intimidade sexual. Seguindo esta perspectiva, o chamado amor pleno teria que contar com todas estas características.

Já a satisfação com o relacionamento é um construto mais amplo, que engloba um número muito grande de componentes. Os principais são a capacidade de estabelecer consenso nas decisões entre o casal, a satisfação sexual, o grau de proximidade entre o casal e a capacidade de expressar o afeto. Existem também

evidências de que a satisfação com o relacionamento está ligada ao uso de estratégias adequadas na resolução de problemas pelo casal e boa habilidade de comunicação. Obviamente, a satisfação com o relacionamento está diretamente ligada ao o amor do casal: quanto mais intenso e pleno for o amor, maior será a satisfação.

IHU On-Line - E quais seriam as maiores dificuldades para atingir essa satisfação?

Maycoln Leôni Martins Teodoro - Uma análise da satisfação com o relacionamento indica que grande parte dos seus componentes está relacionada à comunicação do casal e à demonstração da afetividade. Dizer que um casal precisa saber se comunicar para ser feliz parece extremamente óbvio. Entretanto, esta é uma das causas mais comuns de problemas conjugais. A boa comunicação é importante para a resolução de problemas e para o planejamento familiar, evitando o aparecimento dos conflitos conjugais. Comunicar-se bem significa conversar claramente sobre o que está sentindo e pensando com o parceiro. Já a demonstração da afetividade está relacionada à expressão do sentimento. Não basta gostar; é necessário demonstrar o carinho pelo parceiro.

IHU On-Line - Como os componentes cultural e de gênero influenciam nas expectativas do casal?

Maycoln Leôni Martins Teodoro - A cultura exerce uma forte influência na relação do casal por meio da definição dos papéis de cada um na relação amorosa.

Infelizmente, não existem muitas pesquisas comparando o relacionamento conjugal em diferentes culturas. Pode-se, no entanto, supor que as expectativas do casal dependerão da organização da sociedade com relação à estrutura familiar, como a divisão do poder dentro da família e a maior ou menor independência dada aos filhos. Por exemplo, se imaginássemos o desenvolvimento de um romance, poderíamos pensar, primeiramente, que dois adolescentes se conhecem e se apaixonam. Após este início fulminante, começa a aparecer a intimidade entre eles, com o companheirismo e a amizade. Surge, então, a decisão em manter o compromisso por um tempo mais longo. Este raciocínio, entretanto, não é válido para as sociedades nas quais o casamento é arranjado. Nestas, o relacionamento se inicia pela decisão/compromisso e só assim segue-se a intimidade e paixão.

As diferenças de gênero nas expectativas do casal também estão diretamente vinculadas à cultura. As expectativas dos papéis de homem e mulher dependerão do ambiente onde eles cresceram. Em algumas sociedades, por exemplo, a diferença de poder entre homens e mulheres em uma relação amorosa é esperada. Por outro lado, a grande maioria das pesquisas não aponta para diferenças de gênero entre os componentes do amor e na satisfação com o relacionamento. Isto significa que a percepção da intensidade de intimidade, decisão, paixão e satisfação não difere entre homens e mulheres.

***IHU On-Line* - Por que tantos relacionamentos se deterioram? Que elementos costumam haver por trás desses rompimentos?**

Maycoln Leôni Martins Teodoro - Uma relação duradoura e bem-sucedida pode ser caracterizada como aquela que, além do amor pleno, possui um padrão claro de comunicação entre o casal. Além disso, é importante que os parceiros tenham flexibilidade com relação à

estrutura conjugal, variando a estrutura de poder em momentos de crise. Todas estas características levam à satisfação, servindo de proteção para a relação conjugal.

Especificamente para o amor, é importante pensar que a relação normalmente se inicia com altos índices de paixão e baixos escores de intimidade e decisão. À medida que o tempo passa, estes dois componentes vão ficando mais fortes nas relações bem-sucedidas. Uma deterioração do relacionamento amoroso está vinculada à não construção ou perda da afetividade, amizade e paixão entre o casal. Estes fatores acabam levando à falta de compromisso e decisão dos parceiros em manter a relação.

***IHU On-Line* - Antigamente os casamentos duravam mais, porém muitos se sustentavam em função de convenções sociais, para manter aparências, por exemplo. Atualmente, as pessoas têm se dado mais ao direito de errar e acertar e de solidificar apenas os relacionamentos que podem dar certo?**

Maycoln Leôni Martins Teodoro - Antigamente, em virtude de pressões sociais para a não-dissolução do casamento, supõe-se que diversos relacionamentos sobreviveram sem intimidade e sem paixão. Estas relações seriam sustentadas pelo terceiro componente do amor, a decisão/compromisso, e conhecidas como “amor vazio”. Hoje em dia, existem diversos fatores que colaboram para que os parceiros se conheçam melhor e decidam pelo investimento ou não na relação. Alguns deles são o aumento da idade do casal no primeiro casamento, o aumento da importância da carreira profissional para homens e mulheres, uma maior liberdade para conhecer o parceiro e a maior aceitação do divórcio. Por outro lado, pode-se imaginar que muitos relacionamentos possam estar terminando hoje em dia por falta do componente decisão/compromisso.

Referências

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, p. 119-135.

Sternberg, R. J. (1988). *The triangle of love*. New York: Basic Books.

Adriana Kudlack

A figura paterna é a grande referência da vida de Adriana Kudlack, 33 anos, atendente da casa de sucos e lanches Sabor de Açaí, na Unisinos. No entanto, a separação dos pais, há 18 anos, fez com que ela se afastasse do pai, Hugo, 71 anos. A distância entre eles é grande - ele mora no Paraná e ela em São Leopoldo (RS) -, mas não foi suficiente para acabar com o carinho e a admiração que um sente pelo outro. Em entrevista exclusiva à revista IHU On-Line, Adriana destacou algumas das passagens de sua vida. A perda de um bebê e a separação dos pais são as mais marcantes delas. Ela também falou sobre o seu grande sonho: ser mãe, o que lhe dá motivação ainda maior pela vida. Confira, abaixo, a entrevista:

Origens e família - Nascida em Porto Vitória, no Paraná, faz 27 anos que Adriana vive em território gaúcho. Ela conta que a opção foi dos pais, Noemi, 69 anos, e Hugo, que adquiriram um terreno no município de Dois Irmãos. A mãe era dona-de-casa e o pai motorista das Lojas Colombo. Infelizmente, a família perdeu sua integridade. “Há 18 anos, meus pais se separaram. Meu pai saiu de casa com a roupa do corpo e voltou a morar no Paraná. Minha mãe continua vivendo em Dois Irmãos.” Encarar a situação exigiu muito equilíbrio dos seis filhos. “Foi muito difícil para mim. Quando eles se separaram, eu tinha 15 anos, e era muito apegada ao pai.” E, para não perder o contato com o seu grande mestre, Adriana



pensou em ir morar com ele. “Não pude, porque minha mãe falou que, se eu fosse morar com ele, eu não a veria mais. Então, fiquei morando com ela e, assim, eu poderia continuar vendo o meu pai.” Hoje, o pai de Adriana casou de novo. Já sua mãe, continua solteira. “Ela diz que já passou trabalho uma vez e não iria passar de novo”, destaca Adriana.

Infância - Aos seis anos de idade, Adriana veio embora com a família para o Rio Grande do Sul. A infância foi muito bem aproveitada, com direito a muitas travessuras. “Eu era muito arteira e aprontava muito. Fugia de manhã cedo e só voltava para casa no final do

dia. Uma vez fui para o rio e tiveram que me tirar de lá, porque o nível da água começou a subir.”

Pai e irmãos - “Sempre me dei bem com todos os meus irmãos”, afirma Adriana. Quanto ao pai, ela comenta que a relação de ambos foi marcada por muito carinho e pelo companheirismo. “Sempre saíamos juntos. Aos finais de semana, eu arrumava a roupa dele para ele sair. Eu costumava freqüentar as festas do serviço dele.”

Estudos - Adriana confessa que não gostava muito de estudar. Devido à separação dos pais, ela interrompeu os estudos na 5ª série. “Desde então, fui trabalhar para ajudar em casa. Meu primeiro emprego foi em uma fábrica de calçados, em Dois Irmãos.” A base profissional de Adriana foi construída em indústrias calçadistas, e foi solidificada em 11 anos de atuação no ramo. Embora tenha deixado os estudos há muito tempo, Adriana não esconde a vontade de voltar a estudar. “Já pensei em voltar e, talvez, prestar vestibular e chegar cursar uma faculdade. Como gosto muito de cuidar de crianças, poderia optar pela pedagogia.”

Unisinos - No dia 1º de outubro, Adriana completa três anos de trabalho na casa de sucos e lanches Sabor de Açaí, localizada no campus da Unisinos. Para Adriana, a atividade foi um grande desafio. “Nunca tinha trabalhado com alimentação. Quando comecei, não sabia nada. Também foi minha primeira experiência trabalhando direto com o público, e gostei.”

Sonho - “Ser mãe.” Este é maior desejo da vida de Adriana e de seu marido André, auxiliar de chapeação e pintura, com quem é casada há nove anos. “Não me importo se vou passar trabalho ou não.” O sonho já poderia ter sido realizado, não fosse a interrupção de uma gravidez, há três anos. “Tive uma gravidez ectópica, caracterizada pela formação do feto fora do útero.”

Solidariedade - A desigualdade social aguçou o lado solidário de Adriana, que se considera uma boa pessoa e gostaria de ter condições financeiras melhores para poder ajudar a todos. “Já tirei dinheiro do meu orçamento, do meu salário, que não é muito, para dar para os outros.”

Política - “Os políticos prometem muito e pouco fazem. Há muitas pessoas dormindo na rua, muita gente passando fome, outros desempregados, e eles pouco resolvem.” Como um jogo de empurra-empurra. É assim que Adriana define o atual cenário político do país. “Os políticos dão muito mais valor a outros interesses do que ao próprio povo.”

Fé - Adriana foi batizada na Igreja Católica, mas não é praticante assídua da religião e não esconde o contentamento com outras crenças. “Gosto de ir aos cultos da Igreja Evangélica, e temos que acreditar em alguma coisa, independente da religião.” Na visão de Adriana, Deus é um só, e existe para todos. “Tem um Deus que olha por nós e eu acredito que o meu sonho de ser mãe vai realizar um dia. Rezo para o meu Deus sozinha, em casa mesmo. Agradeço pelo que Ele já me deu e ainda pode me dar”, destaca.

Lazer - Ir para Dois Irmãos, visitar a mãe e ficar com os sobrinhos são as preferências de Adriana para as horas de folga. “Não gosto de ficar em casa. Adoro passear, visitar os amigos, ficar conversando com outras pessoas em uma roda de chimarrão.” Para Adriana, viajar também é um ótimo meio de sair da rotina. “Costumo ir seguidamente a Curitiba. Neste ano, pela primeira vez, fui visitar a minha irmã de avião. Era algo que tinha vontade de fazer, curiosidade em saber como era estar lá em cima. Foi uma experiência maravilhosa.”

Saudade - “Sinto falta do tempo em que meus pais

ainda se davam bem.” Uma grande realização para Adriana seria ver a mãe e o pai juntos, de novo. Além disso, ela sente saudades dos churrascos aos finais de semana, com a presença dos filhos, noras, genros e netos e os pais unidos. A mãe, Adriana vê com mais frequência, uma vez por mês, mas a distância do pai causa um grande vazio. “Chego a ficar de um a três anos sem ver o meu pai, e sinto falta, porque sei que um dia não vou mais tê-lo.”

Momentos marcantes - Ao longo de sua trajetória, um rastro de tristeza. “Ter perdido o meu bebê foi um dos momentos mais tristes pelos quais já passei”, revela Adriana, emocionada. E não é por isso que ela deixou de sentir prazer pela vida. Seu pai é o grande responsável pelas suas grandes alegrias. “Me sinto muito bem perto dele. Fico feliz, quando sei que vou encontrar com o meu pai, e ele sente a mesma felicidade ao me ver.”

IHU REPÓRTER

Rosana Cecchini de Castro

Administrar o tempo é um grande desafio para Rosana Cecchini de Castro, 48 anos, psicóloga e integrante do corpo docente da Unisinos. Além das aulas e demais rotinas da universidade, ela tem compromissos no consultório particular, acompanha o desenvolvimento do filho Daniel, 14 anos, e se dedica ao esposo, Paulo, e à mãe, Gemma. Rosana não deixa de cumprir nenhuma de suas atribuições, mesmo que estas lhe custem tempo. No dia 27 de agosto, dia do psicólogo, ela reservou um espaço no seu dia para contar, com exclusividade à revista IHU On-Line, momentos especiais e marcantes de sua trajetória, lembrados com emoção. Confira a entrevista:



Origens e infância - Minha mãe é de Caxias do Sul e meu pai era português. Ele veio trabalhar no Brasil, e eles acabaram se estabelecendo aqui em São Leopoldo, onde nasci em 1959. Meu pai era eletro técnico da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e a minha mãe é professora aposentada. Morei em São Leopoldo, no centro, em cima do Rio Bar, que agora é uma sorveteria, até os 18 anos. Era um período em que ainda era possível brincar na calçada. Eu tinha amigas que moravam em

casa. Então, brincávamos no pátio de comidinha de areia. Eu ia muito à pracinha dos brinquedos, que é bem conhecida na cidade. Na infância, tinha outras preocupações que parecem menores, diante das que a gente tem hoje. Muitas vezes, por ser filha única, me senti sozinha. Eu achava que ter irmãos seria melhor, em termos de ter companhia, mas, como sempre tive amigas, nunca ficava sozinha.

Estudos - Fiz o primário na Escola Visconde de São Leopoldo. Depois, passei para a Escola Pedro Schneider, e, de lá, vim para a Unisinos. Gostava de estudar e sempre fui boa aluna. Lembro que peguei recuperação uma vez, no 3º ano do Ensino Médio. Estudei na Unisinos, fiz faculdade de Psicologia, me formando em 1982.

Relação com os pais - Acho que, às vezes, era meio tumultuada, no sentido de que eu queria fazer coisas que eles já não tinham mais interesse, por serem mais velhos. Também por isso eu achava que ter irmãos era uma coisa boa. Eu tinha muitos primos, mas nenhum deles morava aqui. Então, muitas vezes eu fui passar as férias com eles em Caxias, onde tinha mais contato com pessoas da minha idade. Meus pais sempre me deram força para as coisas que eu queria fazer.

Psicologia - Eu queria entender as pessoas e, também, me entender melhor, devido aos próprios conflitos da idade, da adolescência. Eu procurava ler livros que tivessem a ver com a temática e que se reportassem ao entendimento do comportamento das pessoas. Daí surgiu o interesse pela psicologia. Paralelo a isso, tinha um interesse por decoração e arquitetura, mas acabei prestando vestibular para Psicologia na PUC e na Unisinos. Cheguei a fazer vestibular para Arquitetura na UFRGS. Passei no vestibular da Unisinos e comecei a estudar. Acredito que fiz uma escolha certa e, de lá para cá, tenho sempre me dedicado e estudado.

Trabalho - Enquanto fazia faculdade, era funcionária pública estadual. Atuava como professora contratada, mas acabei trabalhando com psicologia. Logo que me formei, comecei a trabalhar em consultório, aqui em São Leopoldo. Em 1984, fui convidada para trabalhar na PUC, onde permaneci até 1993. Depois, em 1988, passei a trabalhar na Ulbra, e fiquei lá por dois anos. Sempre tive muita vontade de voltar para a Unisinos, de trabalhar na

universidade em que me formei. Vim para cá em 1990, quando ainda era funcionária do Estado, trabalhava na Ulbra e estava saindo da PUC. Comecei a trabalhar na Unisinos e, aos poucos, fui deixando as outras instituições.

Espanha - Em 1986-1987 morei em Madrid, na Espanha, para fazer um Curso de Especialização em Psicologia Clínica. Foi uma experiência de muito crescimento pessoal. Estudei e conheci muitos países também. Mais recentemente, voltei a viver na Espanha por quatro anos (1999-2003), para fazer o doutorado. Foi uma experiência muito positiva, que me acrescentou muito conhecimento, embora também angustiante, ao menos no início. Vivi numa estrutura completamente diferente da nossa. Abri mão de todas as coisas que tinha aqui, parei de trabalhar no consultório e na universidade e me tornei aluna de novo. Fui com uma colega, a professora Marcia Viana, que trabalha na Educação Continuada da Unisinos e também na graduação. Em Bilbao, cidade onde morei, encontrei outros professores daqui e acabamos fazendo um ambiente agradável, com pessoas conhecidas. O Daniel tinha seis anos na época, e se alfabetizou lá. Minha mãe foi junto. Meu marido, por ser empresário e viajar muito para o exterior, pôde conciliar algumas das viagens de trabalho para estar conosco. Fora as viagens decorrentes do trabalho, Paulo viajava a cada dois meses para Bilbao. Morando na Espanha, pude experimentar outra forma de vida, outra cultura, e confesso que me assusta mais a violência daqui do que a de lá.

Educação - Em termos de doutorado, há, na Espanha, uma especificidade diferente. Lá, existe a possibilidade de se tornar pesquisador sem terminar o doutorado, porque, como o desemprego é bastante forte, as pessoas fazem a graduação e, em seguida, entram para o doutorado. Na medida em que elas se organizam com o

trabalho, param o doutorado e têm uma titulação específica de pesquisadores (desde que façam a prova correspondente). Em termos de quantidade, o número de pessoas no doutorado é muito maior do que se tem aqui no Brasil. Minha experiência foi muito positiva e de grande aprendizado.

Doutorado - O estudo foi bem importante. Realizamos um trabalho de pesquisa e de intervenção dentro da psicologia. Avaliamos um grupo de mulheres com diagnóstico de fibromialgia (dor crônica generalizada) e depois fizemos uma intervenção em psicoterapia grupal. Também fizemos uma imersão muito grande na cultura, ao poder conhecer os padrões dessas mulheres, no que se refere à conduta, repressões e à influência disso no surgimento da doença. O Brasil está bem nos cursos de doutorado, ficando dentro dos padrões.

Família - Sou casada e tenho um filho, o Daniel, de 14 anos. Minha mãe continua morando conosco. Em 1989, meu pai faleceu, o que nos trouxe muito sofrimento. Acho que o que abalou muito ele foi a aposentadoria, que ele sempre quis muito, mas foi um desorganizador na sua vida. Ele sempre teve muita disciplina, muita atividade sistematizada, e, de repente, estava somente em casa. Com os problemas de saúde, ele não conseguiu superar. Sem dúvida nenhuma, esta foi uma das passagens tristes da minha vida. Tive outras duas passagens tristes, que foram duas gestações que perdi. No entanto, o sonho de ser mãe se cumpriu com o Daniel e me sinto muito feliz.

Casamento - Acho que o matrimônio é uma construção diária. Temos que cultivar aos poucos, até porque há envolvimento com o trabalho. Gosto muito do meu trabalho, e, às vezes, me envolvo até demais. Atualmente, trabalho em sala de aula, supervisão de estágio, coordenação do PAAS (Projeto Ambulatorial de

Atenção à Saúde) da Ação Social da Unisinos e sou coordenadora-adjunta do curso. Fora da Universidade, trabalho em meu consultório. Acho que o casamento é uma tentativa diária de se organizar e enfrentar as dificuldades juntos. No período em que ficamos geograficamente separados, eu na Espanha e ele aqui no Brasil, foi de muita aprendizagem. Ainda bem que tínhamos internet e outros meios que nos ajudavam a diminuir a distância. O Paulo, quando não estava conosco, acompanhava o nosso filho virtualmente. Foi um período difícil, mas tivemos um saldo positivo, em termos de crescimento na relação.

Filhos - O Daniel é o meu filho querido, amado. Ele está na adolescência e estamos tentando curtir ao máximo esta fase. Depositamos muita expectativa nele e tentamos auxiliar ao máximo em sua formação. Nos interessa seus conhecimentos e também sua postura frente ao mundo. O Daniel tem dois irmãos, pois tenho dois enteados, o Gustavo, de 30 anos, e o Jonatan, de 26. Eu, por ter sido filha única, queria ter tido mais filhos, mas considero que ter um só até facilita quanto aos cuidados com a formação levando em consideração os princípios éticos, morais e econômicos. Além disso, me causa grande satisfação poder acompanhar o Gustavo e o Jonatan.

União - A minha mãe é uma pessoa muito importante para mim. É uma pessoa extremamente presente. Quando viajamos, ela vai junto, e está sempre pronta para passear, embora tenha uma independência muito valiosa. Ela reclama muito por eu não ter muito tempo para ficar com ela. Toda a nossa família é muito unida. Tias, tios, primos, todos se reúnem com muita frequência. A família é a base, é com quem queremos estar para dividir as alegrias e para onde queremos voltar, quando nos sentimos fragilizados. Somos uma família italiana, falamos muito alto, temos sempre um

palpite para dar, discutimos e brincamos muito, enfim, estamos sempre muito juntos.

Lazer - Adoro filmes, seja no cinema ou em DVD. É um tipo de distração que me faz desconectar. Atualmente, minha maior briga é a falta de folgas. Professor trabalha de noite e aos finais de semana, o que toma bastante tempo. Já deveria estar habituada, pois são anos de sala de aula. No entanto, há semestres de maiores atribuições e, conseqüentemente, maior ocupação do tempo.

Filme - Um que me marcou muito e que assisti recentemente foi *O labirinto do fauno*, uma produção espanhola. É um filme de muitas emoções fortes, mas que no final deixa um saber de ternura muito grande é muito bonito. Também gostei muito de *Conversaciones com mamá* e *Elza e Fred* (ambos produções ibero-argentinas). Acredito que o fato de ter vivenciado, ao menos em parte, os contextos retratados nestes filmes fazem com que sejam significativos para mim. Mas, além destes, certamente, há muitos outros.

Livros - Leio muito na minha área. Livros, artigos, além, é claro, das produções dos alunos. Durante o semestre nem sempre tenho tempo de ler fora da psicologia. Tenho conseguido reparar esta falta nas férias.

Viagens - Adoro viajar. Recentemente, estivemos em Nova York e adorei! Gosto muito de Buenos-Aires. A Grécia é um lugar que quero muito conhecer. Um dos lugares mais bonitos que conheci foi Praga. Ainda pretendo voltar lá. Quando estávamos na Espanha, tínhamos muitos destinos próximos, dentro do próprio país, cada qual mais encantador. Também estivemos em Paris e em Portugal. Gosto muito do norte da Espanha (Santander, San Sebastian, entre outras cidades), que tem uma paisagem linda, porque conjuga montanha e

mar. Temos um apartamento em Rainha do Mar, que é uma praia pequena, no litoral gaúcho, mas que eu adoro. Me traz a tranqüilidade para compensar o corre-corre do ano. A rotina da praia me descansa muito.

Política - Temos vivido muitos momentos difíceis. O dinheiro público está sendo roubado e há muita impunidade. Os interesses particulares sempre valem mais que os interesses coletivos, e eu me sinto cansada disso. Além do cansaço, há uma tristeza acerca da herança que vamos deixar para os nossos filhos, em termos de mundo e de princípios. A solução para a política está na gente, porque os governantes já tiveram muita credibilidade e não fizeram jus a ela e nós estamos deixando que isto ocorra. Também há o fato de que quem sempre foi oposição está no governo, não há mais oposição. A gente teria que se mobilizar, mas não sei muito como. Perdemos a herança de mobilização.

Sonho - Aprender a lidar melhor com o tempo. Gostaria de saber dosar mais as coisas, que acabam sendo corridas. Faço ginástica às 6h15 e gostaria de poder fazer às 8h. Às vezes, também não sobra tempo para ir ao médico, fazer as consultas de rotina, estar mais com minha mãe, mas acho que esta minha queixa é geral. Meus colegas também reclamam. Agora, ficar quieta, parada ou sem fazer nada, isto não é para mim.

Momentos inesquecíveis - Lembro da casa dos meus avós, em Caxias do Sul, onde brincava no porão com meus primos. Havia um ar de mistério em mexer nas coisas antigas, brinquedos do tempo da minha mãe, que ficavam lá guardados. Talvez esta seja a origem do meu interesse pela mente humana, em “escavar” a memória das pessoas.

Instituto Humanitas - Acho que é um trabalho muito sério. É uma das coisas boas da universidade. Vejo que a

revista *IHU On-Line* e os fóruns desenvolvidos são muito interessantes. Sempre são abordados temas atuais na revista. Gostaria de poder conhecer mais a fundo.

Unisinos - Em novembro, faz 17 anos que trabalho na universidade. Uma das coisas que me faz gostar muito de trabalhar aqui são os meus colegas. Há muitos anos convivo com as mesmas pessoas, as quais quero muito o bem. Isso é uma das coisas que me deixa satisfeita no trabalho. Sempre tive muito orgulho da Unisinos, de dizer que trabalho e me formei aqui. Fiquei quatro anos fora. Saí em 1999 e retornei ao trabalho em 2004, quando terminei o doutorado em Psicologia - Saúde e Família, na Espanha. Neste meio tempo, ocorreram grandes mudanças na universidade, a partir do sistema organizacional. A gente sente as mudanças, como a redução do quadro de pessoal, atividades para a comunidade que a Universidade não pode mais sustentar, o que faz muita diferença. Mas são novos tempos e a gente tenta se adaptar. Algumas coisas são mais fáceis, outras exigem de nós um esforço maior. A Unisinos está passando por um momento que exige de todos nós muita força, muito vigor, para que possa se manter e ir adiante.
